

TODA A DONZELA TEM UM PAI QUE É UMA PERDA

Glauco Gill



ATO I

JOÃOZINHO - ( entrando rápido e ofegante). O Porteiro me avisou.

PORFIRIO - Avisou o quê?

JOÃOZINHO- O homem está lá em baixo e quer subir a todo pulso

PORFIRIO - Que homem? Calma, senta, você está afobado.

JOÃOZINHO- O General. O pai da Daysi.

PORFIRIO- Eu disse a você. Eu disse que essa garota era um espato.

JOÃOZINHO- Ele descobriu que Daysi está morando comigo e.... Porfirio, vai dar um bode dos diabos. O porteiro disse que o homem está uma fera.

PORFIRIO- Por que é que ele ainda não subiu?

JOÃOZINHO- Por causa do portão. Do portão está compreendendo?

PORFIRIO- Não.

JOÃOZINHO- O portão só abre as seis horas. Antes disso não pode entrar ninguém estranho.

PORFIRIO- Vai ver então que ele foi embora e resolveu voltar depois.

JOÃOZINHO- (agitadíssimo, vai até a janela). Qual nada. Ele está lá em baixo. E insistiu. E disse que tinha que entrar imediatamente porque precisava tirar satisfações com um patife aqui do prédio.

PORFIRIO- Mas como é que você sabe que o patife é você?

JOÃOZINHO- Ele disse textualmente. O porteiro veio me contar. O patife do 803 que trouxe minha filha para cá.

PORFIRIO- É. Então é você mesmo.

JOÃOZINHO- Ele esbravejou, berrou, gritou, mas o porteiro não deixou ele entrar. Foi duro na queda

PORFIRIO- Tá aí. Até que essa múmia desse porteiro foi decente.

JOÃOZINHO - Decentíssimo! Não deixou o General entrar e veio me avisar. Aí eu comecei a raciocinar.

PORFIRIO - Claro.

JOÃOZINHO- Vi que tinha que agir rápido.

PORFIRIO- Lógico.

JOÃOZINHO- Precisava de uma saída imediata.

PORFIRIO - Imediata.

JOÃOZINHO - De alguma coisa ou alguém que me ajudasse.

PORFIRIO - Perfeito.

( ligeira pausa)

JOÃOZINHO - Aí eu vi que esse alguém... era você.

PORFIRIO- ( apreensivo) - EU? Mas por que logo eu?

JOÃOZINHO- Porque você é meu amigo.

PORFIRIO - Mas você tem uma quantidade de amigos. Podia escolher outro.

JOÃOZINHO- Não, Porfirio. Eu insisto em que você me salve porque você é o meu melhor amigo.

Teatro de Arena  
Av. Borges de Medeiros, 235  
Fone: 226.0242 - CEP 90020-025

PORFIRIO - Não Joãozinho, eu acho que você pode perfeitamente procurar outra solução, sem me meter no barulho. Mesmo porque eu não tenho nada com o caso, sei conhece a Daisy e não tenho a menor vontade de conhecer o pai da Daisy.

JOÃOZINHO - Você não vai conhecer o pai da Daisy. Você nem vai ver a cara dele.

PORFIRIO - (empurrando Joãozinho para a porta). Ainda bem que você concorda. Agora você vai dar o fora, que eu...

JOÃOZINHO - (parando). Não você não entendeu. Você não vai o General, mas ainda assim é você que vai me salvar.

PORFIRIO - Joãozinho, você é que não me entendeu. O que eu estou querendo dizer é que não pretendo em absoluto me meter nesse carnaval. Em absoluto, você está compreendendo? Não quero nada com o caso.

JOÃOZINHO - Quer dizer que você pretende abandonar o seu amigo numa hora crítica?

PORFIRIO - Exatamente.

JOÃOZINHO - (ar de estupefação) Porfírio !!!

PORFIRIO - (tranquilo) Que é?

JOÃOZINHO - Nunca pensei que você pudesse ser tão desumano.

PORFIRIO - Joãozinho, eu gosto muito de você, mas esse bode é seu e eu sei que ele continue inteiramente seu. Ponto.

JOÃOZINHO - Você esquece que esse General é uma fera.

PORFIRIO - Cão que ladra não morde.

JOÃOZINHO - Esse morde Porfírio. Eu sinto que ele morde.

PORFIRIO - Sua é boa. Você se mete nas suas complicações e depois...

JOÃOZINHO - O que eu quero te pedir não vai te custar nada...

PORFIRIO - Você quer deixar eu continuar a dormir?

JOÃOZINHO - Você não pode fazer isso comigo. O homem está armado.

PORFIRIO - Exatamente.

JOÃOZINHO - Exatamente o que?

PORFIRIO - Exatamente porque o homem está armado é que eu não quero nada com o caso. Tchauzinho. (deita novamente, pausa)

JOÃOZINHO - Ingrato!

PORFIRIO - O que?

JOÃOZINHO - Ingrato sim. É isso que você é. Um ingrato de uma ingratidão monstruosa.

PORFIRIO - Mas ingrato por que?

JOÃOZINHO - Se lembra daquela prova de física no quarto ano do colégio?  
XXXXXXXXXX

PORFIRIO - Mas isso foi no quarto ano do colégio.

JOÃOZINHO - Você era prêmio Nobel de analfabetismo.

PORFIRIO - Você éramos crianças. Agora a situação é diferente.

JOÃOZINHO - Te dou coisa da prova inteira. Ou vai dizer que não se lembra que eu te dei cola da prova inteira?

PORFIRIO - Não precisa também me atirar isso na cara.

JOÃOZINHO - (levemente melodramático). Mas a vida é assim mesmo. Naquela prova eu me arrisquei pra te salvar. Agora você nem ia se arriscar...



Enfim, vá a gente contar com os amigos... De qualquer um, eu seria capaz de esperar isso. Mas de você Porfirio, eu confesso que não. Você quando nós tínhamos sete anos, os garotos não queriam deixar jogar bola de gude... Você se lembra, que os garotos da rua não queriam deixar você jogar bola de gude, não se lembra?

PORFIRIO- Lembro, Joãozinho, lembro.

JOÃOZINHO - E quem foi que convenceu os garotos da rua a deixar você jogar bola de gude?

PORFIRIO- Foi você, Joãozinho.

JOÃOZINHO - Pois é...

( pausa )

PORFIRIO- Se fosse um outro caso qualquer, eu toparia te ajudar. Mas esse negócio de pai é sério.

JOÃOZINHO - Justamente porque é sério é que eu preciso da tua ajuda.

PORFIRIO - Olha, já são quase seis horas. É melhor você ir andando. E vai ver a coisa não será assim tão preta quanto você está pensando. Vai ver, no fundo, esse General é até uma boa praça. Um cara liga, do peito...

( fora se ouve os berros do general )

"EU QUERO ENTRAR PRÁ QUEBRAR A CASA DELE"

JOÃOZINHO- ( saindo da janela ) . Depois disso você concorda que se o General subir, arrombar a porta do meu apartamento e encontrar Daisy lá dentro vai dar bolo, não vai?

PORFIRIO- Bolo? De aniversário !!

JOÃOZINHO- Agora, você também concorda que se o General chegar lá e NÃO encontrar a filha no meu apartamento, aí não haverá nada, não é?

PORFIRIO - Claro.

JOÃOZINHO - Pois o que eu queria de você... Mas qual não adianta! Você não é meu amigo bastante pr'a isso.

PORFIRIO - Fala logo. Que é que você queria?

JOÃOZINHO- Só quero que você concorde que eu traga Daisy para cá e que ela fique aqui, enquanto o General dá a busca no meu apartamento. Só isso. Tipo da coisa garantida.

PORFIRIO- Garantida uma brisa. Isso é a mesma coisa que guardar pólvora em casa na hora de ~~xxxxxxx~~ incêndio .

JOÃOZINHO- Eu não disse? Você não é amigo bastante pr'a ajudar ninguém. Eu só espero que sua mãe nunca precise de um favor seu. Porque se precisar vai ser uma desilusão pr'a pobre da velhinha.

PORFIRIO - ~~XXXXXX~~ Amigo eu sou. Mas isso já é industrializar a amizade.

JOÃOZINHO - Industrializar? Você nunca achou que estava industrializando minha amizade todas as vezes que me fez pregar mentiras, das mais absurdas e deprimentes pr'as suas oitocentas namoradas. Você não achou que estava industrializando nada quando foi para São Paulo e largou a Isadrinha e o marido aqui nas minhas mãos, achou?

PORFIRIO - Mas ali você podia dizer que não sabia de nada e que não tinha nada a ver com o peixe.



JOÃOZINHO - É nesse ~~caso~~ caso agora, voce nem precisa falar com ninguém, Daisy fica aqui somente enquanto o General estiver passando em revista meu apartamento. Logo que ele for embora, ela volta lá prá casa.

PORFIRIO- É se o General descobrir que ela está aqui?

JOÃOZINHO - Mas descobrir como?

PORFIRIO - Nesses momentos, todo o pai se revela um sherlock.

JOÃOZINHO - Escuta, Porfírio. Se voce me negar isso, a cara aqui desse seu amigo vai ser simplesmente triturada. Voce já pensa no remorso que vai sentir quando me vir com os olhos inchados, o nariz sangrando e com quatro dentes assis pr'a fora da boca? Você já pensou, Porfírio?

PORFIRIO- Isso é muito relativo. Eu conheço um cara que teve uma briga feia pr'a muku e tres dias depois estava bom pr'a outra. Voce vai se recuperar numa semana no máximo.

JOÃOZINHO - A questão é que o General também pode querer me obrigar a casar com a Daisy.

( pausa )

PORFIRIO - ( profundamente chocado). Você acha que ele faria uma coisa dessas?

JOÃOZINHO - Ele é capaz de todas as baixezas...

PORFIRIO - Bem, agora o caso muda de figura...

JOÃOZINHO- E não é que eu não admita a idéia de casamento, mas...

PORFIRIO - ( cortando ) Não diga bobagens.

JOÃOZINHO - Mas é que eu ainda não tenho uma situação financeira prá isso.

PORFIRIO- ( enfático). E mesmo que tivesse. O casamento é uma solução inteiramente primária, sem a menor originalidade.

JOÃOZINHO - ( pososo ). Volta um minuto para a sua, Porfírio. Eu não quero te forçar a uma decisão. Só peço que daqui a dois anos, quando me encontrarem com DEZ filhos nas costas, tu te lembres que tu foste o responsável.

( Pausa, Porfírio está horrorizado)

PORFIRIO - ( emocionado ) . Não, Joãozinho, eu seria incapaz dessa maldade. Trai a menina pr'a cá.

JOÃOZINHO- Obrigado, Porfírio. Eu sabia que você era um rapaz de bons sentimentos.

( Joãozinho sai, Porfírio arruma o apartamento ) ( Entra Daisy quase empurrada por Joãozinho, de negligêo)

JOÃOZINHO- ( da porta). Aguenta a mão aí que eu vou enfrentar a fera.

( Porfírio e Daisy ficam sós. Olham um para o outro. Porfírio está com cara de poucos amigos. Silêncio. Depois Daisy fala )

DAISY- Que graça, hein?

PORFIRIO - Graça? Ah! Eu chamo a isso uma aventura altamente sinistra.

DAISY - Mas a culpa não foi minha.



PORFIRIO - E tem mais. Quero lhe dizer que foi interiormente a contragosto que eu concordei com essa sua vinda prá cá. Foi mesmo só prá evitar consequências mais funestas.

DAISY- Eu podia esperar tudo, menos que papai estourasse aqui e me expulsasse.

PORFIRIO- Pois sim! Aponto que foi você mesma que deu o endereço.

DAISY- Eu não! Juro! Você acha que eu ia fazer uma coisa assim?

PORFIRIO - S A H A N T O ! ! !

DAISY- Mas prá que? Com que interesse?

PORFIRIO - ( baixando a voz ). Prá imprensar o Joãozinho. Siga, voce sabe do que eu sou um profundo conhecedor da psicologia feminina.

DAISY- Pois nesse caso está redondamente enganado. Quem deu o endereço a papai só pode ter sido a família na casa de quem eu estava morando aqui no Rio. Eles também são de Minas, de modo que papai recomendou que eu fosse morar lá. Mas eles eram muito quadrados. Por isso então resolvi tomar coragem e vim morar aqui no apartamento do Joãozinho.

PORFIRIO- Tá ná. Isso até que foi uma atitude muito nobre.

DAISY- Pois é. Mas aí eles fizeram uma onda daquelas.

PORFIRIO - E o que foi que você fez?

DAISY- Ué, não dei a mínima e continuei aqui, não é? Mas eles ficaram tão danados que só podem ter sido eles que deram o endereço prá papai. Eles me acham uma perdida.

PORFIRIO - ( irônico ). E voce, o que é que se acha?

DAISY- Eu apenas acredito em amor. Prá mim é a única coisa que conta neste mundo. O resto é bla-bla-bla.

PORFIRIO - Mas então me diga uma coisa.

DAISY- ( cortando ) Agora, amor mesmo. Com falta de ar e tudo. Quando eu vejo essas garotas por aí dizendo que estão apaixonadas sem ter falta de ar, eu acho até graça .

PORFIRIO - Mas se você pensa assim e teve coragem de mudar prá cá, porque é que você não foi homem bastante prá enfrentar seu pai? Enfrentar no duro mesmo. Dizer: " Papai, eu vim prá cá morar com o Joãozinho, etc, etc, boas festas e passe bem". Por que é que você não fez isso?

DAISY- Porque não era bem o caso.

PORFIRIO - Como não era bem o caso? Voce tinha obrigação de inocentar o Joãozinho. Na minha filosofia, é esse o papel de uma moça de bem.

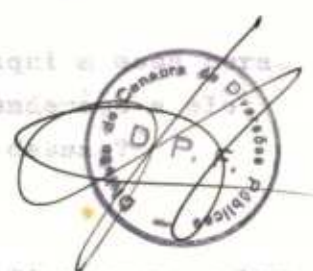
DAISY- Não era o momento para uma atitude dessas.

PORFIRIO - Ah, mas era o momento de entregar o Joãozinho à furia assassina de seu pai, não é? Não, minha filha, nessas ocasiões é que uma mulher se revela verdadeiramente mulher. Voce tinha que deixar que o Joãozinho se colocasse num discreto segundo plano, permitindo mesmo a ele uma certa covardia, que nesses casos é perfeitamente compreensível, enquanto você tomava as rédeas da situação e assumia diante de seu pai integral responsabilidade pelo ocorrido.

DAISY- Você não pode dizer isso, por que você nem sabe qual é o ocorrido

PORFIRIO- ( irônico ). Não sei, mas posso imaginar.

DAISY- E pode imaginar errado também.



Teatro de Arena  
Av. Borges de Medeiros, 835  
Fone: 226.0242 - CEP 90020-02

PORFIRIO- Meu anjo, não é preciso uma grande dose de inteligência para concluir o que se passa entre você e Joãozinho, sozinho e aquele aperto mento. E olha, na minha opinião não são coisas que se pudessem apresentar numa filme pra crianças, não.

DAISY- Mas são coisas que se podia perfeitamente apresentar num filme im próprio até catorze anos. Só até catorze anos, você está me compreendendo?

( pausa )

PORFIRIO- Você naturalmente acha que uma criança de quinze anos já deve conhecer todas as verdades da vida, não é? É um ponto de vista. Aliás é um ponto de vista perfeitamente respeitável.

DAISY- Não. O que eu quis dizer foi que a situação entre eu e o Joãozinho não é exatamente essa que você armou com a sua imaginação degenerada. Aliás bem que o Joãozinho tinha me dito que você era um libertino, que só pensava em sexo.

PORFIRIO- Mas vem cá. Você não está querendo insinuar que você... ainda...

DAISY- ( após leve pausa, semi-constrangida). Pois é.

PORFIRIO- Na sua idade!!!

DAISY- Que é que tem na minha idade?

PORFIRIO- Na sua idade isso não se admite mais.

DAISY- Bem, mas essa situação também não vai se eternizar.

PORFIRIO- Mas porque é que você não se decide logo? Olhe há um ditado que diz " Não deixe para amanhã aquilo que pode fazer hoje".

DAISY- Eu já me decidi.

PORFIRIO- Como?

DAISY- Quando eu vim morar no apartamento do Joãozinho, tinha justamente acabado de me decidir.

PORFIRIO- E depois se acovardou...

DAISY- Não. Continuei decidida, e até hoje estou decididíssima.

PORFIRIO - Então o que é que falta?

DAISY- ( após leve pausa). A colaboração de Joãozinho.

PORFIRIO- Ué... mas... porque?...

DAISY- Ih! isso é uma estória muito complicada.

PORFIRIO - Eu gosto de estórias complicadas.

DAISY- É, mas eu não vou contar. E veja lá, heim ! Isso é segredo!

PORFIRIO- Bem, mas então me responda o seguinte. Essa sua decisão, muito digna aliás, se aplica só ao Joãozinho, ou tem assim... um envergadura mais ampla?

DAISY- Só o Joãozinho.

PORFIRIO- E por que essa limitação total e inteiramente sem propósito?

DAISY- Porque acontece que o Joãozinho me dá falta de ar e eu pretendo me casar com ele.

PORFIRIO - Casar?

DAISY - Casar. Porque não?

PORFIRIO - Quer dizer que você admite clinicamente, serena estas as suas intenções?

DAISY- Não vale nada de clínico nem de meu nisso.

PORFIRIO - E revoltante.

DAISY- É o normal.

PORFIRIO - É revoltante o maquiavelismo do seu plano. Agora eu vejo exatamente amento, que tipo de criatura você é. Fria, calculada e despida de qualquer sentimento. Responda depressa. Que é que você mais deseja na vida?

DAISY- Bem, é casar...

PORFIRIO - Está vendo?

DAISY- Por causa da lua de mel.

PORFIRIO - Você disse que era casar. Não disse que era casar com o Joãozinho.

DAISY- Eu não disse, mas é lógico que pensei no Joãozinho.

PORFIRIO - Ou no Pedrinho, ou no Henriquinho, se houvesse um Pedrinho ou um Henriquinho na sua lista de vítimas mais prováveis. Você não tem a menor poesia. Você corrompe a beleza de uma ligação de amor, porque não fundo o que você pretende é o casamento.

DAISY- Mas é perfeitamente natural que uma moça queira se casar.

PORFIRIO- É admissível, mas o que não é admissível é preparar uma ratoeira, onde o queijo frito é você mesmo:

DAISY- Que ~~queijinho~~ queijinho frito?

PORFIRIO- Ora, não se faça de mal entendida. Agora uma coisa eu reconheço. É um plano inteligente, suave e bem urdido. Uma moça e um rapaz se conhecem, ... vem aquele papinho preliminar. Depois trocam o primeiro beijo. Vão ao cinema... conversam... passeiam... e o ingênuo está crente que está fazendo uma conquista, quando na verdade ele é que está sendo seduzido. Um dia ele se deixa seduzir um pouco mais... e nesse dia cavou a sua própria sepultura.

DAISY- Pois sim. Ai ele dá o fora nela.

PORFIRIO- Se ele não souber agir com inteligência. O negócio é ir provocando uma neurose no rapaz. Continuar a dizer que nem pensa em casamento, mas que, afinal de contas, ele tem certas responsabilidades pra com ela. E pobrezinho se debate. Mas ela continua implacável, sem exigir nada dele. Ai é que está. Sem exigir nada dele. Vai se criando um drama de consciência no infeliz. Ele sabe que ela fez alguma coisa por ele, e que ele não pode fazer nada por ela. A não ser... casar!

DAISY- Está um calor aqui... Pesse tirar esses robe?

PORFIRIO- Pode tirar tudo o que quiser. ( Daisy começa a tirar o robe. Porfirio prossegue.) Per isso é que eu tenho um horror profundo da moça de família. Por causa dessas.... ( Porfirio começa a ver que Daisy está com uma camisola bastante interessante por baixo do negligês e vai ralenando o ritmo da frase):...técnica...comunista... de infiltração progressiva. ( Porfirio se cala enbevecido por Daisy de Camisola).

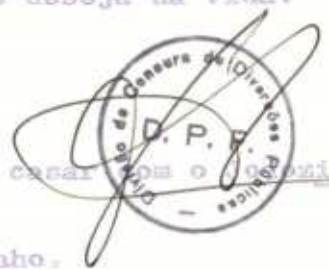
DAISY- ( Quando tirado o negligês e colocando-o sobre uma poltrona).Você estava falando....?

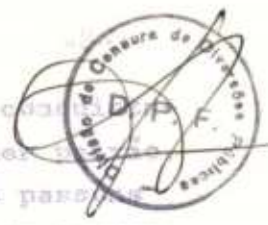
PORFIRIO- ( acordando). De que mesmo?

DAISY- De nossa técnica comunista de infiltração progressiva.

PORFIRIO- Que aliás eu reconheço que funciona com a precisão de um relógio suíço. É o caminho mais rápido e seguro para o casamento.

DAISY- De vou morrer de rir no dia em que você casar.





PORFÍRIO - Nunca, O casamento é a vala comum onde acabam os casamentos fracassados. E tem mais. O casamento liquida com qualquer coisa. Sabe por que? Por causa do convívio diário. É impossível duas pessoas se amarem por completo. E as briguinhas de todo o dia acabam com o amor.

DAISY - Mas cada um sempre cede um pouco.

PORFÍRIO - É nessa história de ir cedendo o sujeito está sendo infeliz do mesmo jeito... Só que é uma infelicidade a prestações.

DAISY - Mas, mas pelo menos a lua de mel você concordou que é o máximo.

PORFÍRIO - É apenas a bonança que precede a tempestade.

DAISY - (Inflamada). Ah, isso é que não. Eu admito tudo, mas não me venha negar a lua de mel.

PORFÍRIO - Que é que tem de especial na lua de mel?

DAISY - É o máximo de romance concentrado. São duas pessoas que se amam não tendo outra coisa a fazer senão se amar.

PORFÍRIO - E quem é que te garante que isso não se torna cansativo?

DAISY - Ainda por cima num lugar lindo, sem a menor preocupação. Cada um sabendo que seu único passatempo é amar o outro. Puxa, é bárbaro!

PORFÍRIO - Você é de um romantismo delirante.

DAISY - (Com entusiasmo). São quinze ou vinte dias em que duas pessoas se entregam de amor. Não, meu filho, lua de mel é fogo, sabe? É prá valer. Eu sou tarada por lua de mel.

PORFÍRIO - (Levemente assustado). Com essa disposição, você acabar com o Joãozinho.

DAISY - Eu eu não estive tão apaixonada pelo Joãozinho, sabe o que eu fazia? Casava com ele prá ter uma lua de mel. No dia em que o casamento não desse mais pé, separava. E ficava sozinha. Até me apaixonar por outro rapaz. Ah casava de novo... Ah, meu filho, só prá ter outra lua de mel. E assim por diante.

PORFÍRIO - E você acha isso direito?

DAISY - Sarcasmo sempre por amor. Sempre casando e com a menor levandade. O problema é que aqui não tem divórcio.

PORFÍRIO - Por isso não. Foi exatamente prá solucionar essa nova falta de divórcio que Deus criou o México.

DAISY - Ah já é um negócio mais torto...

PORFÍRIO - Mas mesmo que não precisasse envolver petições estrangeiras na jogada, você vai se desculpar mas esse <sup>seu</sup> plano falha, porque não evita o tédio conjugal.

DAISY - O que você acha, então, que duas pessoas apaixonadas devem fazer?

PORFÍRIO - Se tiverem um pingote de bom senso, viverem como amantes.

DAISY - Mas aí elas podem se cansar do mesmo jeito, uma da outra.

PORFÍRIO - Viverem como amantes, mas cada um na sua casa. Essa é a única maneira de se ter os momentos agradáveis do amor.

DAISY - Pois é mesmo um libertino! Um libertino de vida inteiramente dissoluta.

PORFÍRIO - Não. Sou apenas um solteiro convicto e feliz.

(Toca o telefone, Porfírio atende)



PORFÍRIO - (Ao telefone). Alô. (Horrorizado). O que? Mas como é que isso foi acontecer?

DAISY - O que foi?

PORFÍRIO - (Ainda ao telefone). E agora o que é que eu faço? Joãozinho, você é uma centopéias. (Desliga).

DAISY - O que foi?

PORFÍRIO - (Apavorado). Seu pai está vindo para cá.

DAISY - Ih, e agora?

(Porfírio corre transtornado pelo apartamento. Não sabe o que fazer).

PORFÍRIO - Eu bem que achei que esse negócio ia dar bode. (Para Daisy). Vamos, não fique aí parada. Tenha uma idéia.

DAISY - Não sei...

PORFÍRIO - Vamos! Uma idéia!

DAISY - Só se a gente...

PORFÍRIO - Só se a gente o que?

DAISY - For para a rua.

PORFÍRIO - De pijama e camisola?

DAISY - Pois é... então...

PORFÍRIO - Já sei. Partamos para a solução francesa.

(Porfírio abre a porta do armário e enfiava a moça lá dentro).

PORFÍRIO - Entra aí.

DAISY - Mas aí eu vou morrer asfixiada.

PORFÍRIO - (Fechando a porta do armário). Problemas posteriores serão resolvidos posteriormente.

(Toca a campainha. Porfírio não sabe por onde ir).

GENERAL - (Do lado de fora). Vamos, abra!

PORFÍRIO - (Timidamente). Já vai.

(Porfírio abre a porta. O General entra como um tufo. Joãozinho está com ele. Porfírio fulmina Joãozinho com o olhar).

GENERAL - (Entrando). Onde está ela? Onde está minha filha?

PORFÍRIO - Que filha? O senhor deve ter batido na porta errada.

GENERAL - Não se faça de besta! (Procura na cozinha e no banheiro).

PORFÍRIO - (Indo atrás do General). Não será em outro prédio?

GENERAL - (Da cozinha). Deixe disso que eu já sei muito bem que tipo de indivíduo você é.

PORFÍRIO - (Para Joãozinho). Traidor!

JOÃOZINHO - A culpa não foi minha.

GENERAL - Vamos, diga! Onde está ela?

PORFÍRIO - Como é mais ou menos a sua filha?

JOÃOZINHO - (Timidamente). General, eu tenho a impressão...

GENERAL - Não tem impressão coisa nenhuma.

PORFÍRIO - Se o senhor me descrever sua filha...

JOÃOZINHO - General, eu acho...

*me*

GENERAL - (Contando). Onde está ela?

PORFÍRIO - Eu talvez possa ajudar a procurar.

JOÃOZINHO - General, eu acho...

GENERAL - (Cortando). Eu é que acho que vim cair entre dois patifes.

JOÃOZINHO - Perdão, senhor General. O senhor não pode dizer isso de mim. O Senhor já vistoriou o meu apartamento e viu que eu não tenho nada a ver com sua filha.

PORFÍRIO - (Para Joãozinho). Ah, você não tem nada a ver com a filha dela? E eu por acaso é que tenho?

GENERAL - Claro que tem. Fique sabendo que o porteiro me deu a sua ficha.

PORFÍRIO - Minha ficha? Que foi que aquela múmia disse ao senhor?

JOÃOZINHO - Eu acho que você não deve se referir ao nosso porteiro nesses termos.

PORFÍRIO - Desde quando você virou defensor (calcando as palavras) desse múmia desse porteiro aqui do prédio?

GENERAL - Quando eu não encontrei minha filha no apartamento desse... rapaz, eu voltei a falar com o porteiro. Aí ele me disse que tinha mesmo se tranhado muito que eu quisesse tirar satisfações com o seu Joãozinho, porque este era um rapaz direito e de boa família. Agora...

JOÃOZINHO - Por aí o senhor vê quem eu sou.

GENERAL - Agora... que o que devia estar havendo, era um engano no número do apartamento, e que minha filha devia estar no apartamento do Sr. Porfírio... Seu nome não é Porfírio?

PORFÍRIO - Porfírio da Cruz.

GENERAL - Pois é. Porque o Sr. Porfírio, acrescentou o porteiro, é que é um libertino da pior espécie, um sujeito mulherengo que vivia trazendo moças pra dentro de casa.

PORFÍRIO - Ele disse isso?

GENERAL - Disse.

PORFÍRIO - (Exageradamente incrédulo). Ele disse isso?

GENERAL - Já disse que disse.

PORFÍRIO - (Para Joãozinho). Joãozinho, você ouviu o que o General disse que o porteiro disse?

JOÃOZINHO - Ouvi.

PORFÍRIO - (Ainda para Joãozinho). E você não tem nada a dizer?

JOÃOZINHO - Bem, esse porteiro sempre me pareceu um sujeito de confiança.

PORFÍRIO - (Pulsina Joãozinho com o olhar). (Para o General). General, eu só espero que o senhor tenha tido o bom senso de não acreditar naquele sujeito.

GENERAL - Tenho certeza que ele não mentiu.

PORFÍRIO - Não diga isso, General. Esse porteiro é um delinquente, um esquizofrênico, um paranóico que já esteve internado umas dez vezes.

GENERAL - Tenho certeza que ele não mentiu.

PORFÍRIO - Qual nada, General. Nem pense nisso. Ele é um caluniador da pior espécie. Só o senhor vendo. É um sujeito que tem um senso de humor extremamente primitivo e que se diverte inventando piadas desse gênero. Eu, um libertino! (Digo forçadíssimo). Ah...ah...ah... Que absurdo.

Teatro de Arena  
Av. Borges de Medeiros, 835  
Fone: 226.0242 - CEP 90020-025

*mm*

GENERAL - (solene). Tenho certeza que ele não mentiu.

PORFÍRIO - Mas como é que o sr. pode ter essa certeza?

GENERAL - porque ninguém mente diante de um revólver. (saca o revólver). E ele falou com esse cano encostado na testa. (com o revólver na cara de Porfírio. Vamos, diga. Onde está minha filha?

PORFÍRIO - General, o sr. está vendo com seus próprios olhos que sua filha não está aqui. Esteja certo que eu compreendo que isso é uma coisa muito séria, um pai procurando uma filha...

JOÃOZINHO : Foi justamente o que também expliquei ao General.

PORFÍRIO - (sufocado). Conforme o senhor mesmo disse, ninguém mente diante de um revólver. São sei se o sr. reparou nesse detalhe, mas eu estou diante de um revólver. E lhe digo mais. Essa sua estima paterna, esse cuidado com sua filha, é uma coisa que até me comove. Numa circunstância dessas, eu jamais faltaria à verdade.

GENERAL - (solene). Voce jura que minha filha não está neste apartamento?

PORFÍRIO - (Igualmente solene). Juro.

GENERAL - Por quem?

PORFÍRIO - Pela mãe do Joãozinho morta.

JOÃOZINHO - Eii Isso não!

GENERAL - Por que é que ele disse "Eii Isso não!"?

PORFÍRIO - (suave e explicativo). Porque ele é um imbecil, General.

JOÃOZINHO - Não, o que eu quis dizer foi que...

PORFÍRIO - (cortando). Foi que num momento como esse qualquer juramento é ainda pequeno, e que eu devia ter jurado não só pela mãe, como também pelo pai, avós, tios e sobrinhos, todos mortos.

GENERAL - (baixando o revólver, levemente dramático). O que me dá raiva é que não mereço este castigo porque jamais prevariquei.

PORFÍRIO - (mais refeito pelo outro ter baixado a arma). General, nós comecemos perfeitamente sua preocupação, porque afinal de contas todo mundo sabe como Copacabana está cheia de rapazes pouco respeitadores das virtudes femininas, mas, já que sua filha não está aqui, o sr. não acha que chegou o momento de ir procurá-la em outros lugares?

JOÃOZINHO - Nesse ponto eu acho que ele tem razão, General.

PORFÍRIO - E ir rápido, inclusive porque ela pode estar correndo perigo de vida.

JOÃOZINHO - E numa eventualidade assim, cada minuto conta. (ligeira pausa).

PORFÍRIO - Eu não sei como é que o sr. pode ficar aí parado, sabendo que sua filha pode estar em algum lugar sendo estrangulada (intencional, olha para o armário), ou asfixiada.

GENERAL - Realmente, eu acho que voce tem razão, mas...

PORFÍRIO - Então vá, General. Faça isso por sua filha... e até por mim. (va empurrando o General para a porta).

GENERAL - (parando). Mas ir para onde?

PORFÍRIO - Ora, General, me admira o senhor. Dê uma busca completa. (cutuca Joãozinho).

MB

JOÃOZINHO - Claro... claro. Uma busca completa.

GENERAL - (sentando numa cadeira). Pois é, mas eu não sei por onde começar. (Pausa. Os três estão parados. Nessa altura Daisy tosse de dentro do armário. O General levanta os olhos, como que procurando quem tossiu. Imediatamente Porfírio tosse meio assustado e fica olhando para o General. Novo silêncio. Por fim dissipam-se as suspeitas do General).

GENERAL - (levantando-se). Bem, eu acho então que vou começar procurando na praia.

JOÃOZINHO - (animando-o). Isso mesmo, General. Na praia.

PORFÍRIO - (entusiasmadíssimo). Grande idéia, General!

(O General vai saindo quando dá com os olhos no negligê de Daisy, que ficara em cima de uma poltrona).

GENERAL - (parando de estalo). Que é isso?

PORFÍRIO - (rápido). Isso? Ora, um robe de chambre.

GENERAL - Mas de quem?

PORFÍRIO - Meu. De quem é que havia de ser?

GENERAL - (definitivo). Isso não é robe de chambre de homem.

PORFÍRIO - (falsamente efeminado). Ora, General, cada um usa o robe de chambre que quer.

(Pausa).

GENERAL - (peremptório). Esse robe não dá em voce.

PORFÍRIO - Claro que dá. (Porfírio se enfia da melhor maneira que pode dentro do negligê e termina a fala de novo falsamente efeminado). Agora, eu acho uma indiscrição muito grande o sr. perguntar mais qualquer coisa a respeito desse robe... (Novo silêncio. Daisy tosse novamente. Porfírio também tosse de novo, mas o General parte como uma flecha para o armário, abre o e Daisy cai praticamente desfalecida em seus braços. Porfírio senta desalentado e Joãozinho vai ajudar o General a socorrer a filha).

GENERAL - (com a filha nos braços e nos berros). Minha filha! Patife! (acariciando a filha). Não, patife não é voce não, meu bem. É esse libertino aí! É de camisolinha (Porfírio olha para ele). Não, de camisolinha não é voce não, meu libertino! É minha filha. Pala, meu anjo. Você está bem?

DAISY - (começando a se recuperar). Papai, esse rapaz...

GENERAL - (cortando, carinhoso). Não precisa dizer nada. Já sei de tudo. Voce não teve culpa.

DAISY - Não, papai, o que eu quero dizer...

GENERAL - Não se canse. Eu compreendo. Você foi iludida.

DAISY - Porfírio não tem nada...

GENERAL - (cortando). Eu sei, meu bem. Ele não tem nada que preste. Mas des-canse. Descansa.

PORFÍRIO - Deixa ela falar, General.

GENERAL - (para Porfírio). Cala a boca.

PORFÍRIO - General, embora possa parecer estranho, eu não tenho nada a ver com sua filha.

Teatro de Arena  
Av. Borges de Medeiros, 835  
Fone: 226.0242 - CEP 90020-025

GENERAL - Sedutor! (o General está ainda acomodando Daisy no sofá).

PORFÍRIO - Joãozinho, explica o caso a ela.

GENERAL - Libertino!

JOÃOZINHO - (para Porfírio). É melhor voce aguentar a mão um pouco mais.

PORFÍRIO - Melhor por que?

GENERAL - Devasso!

JOÃOZINHO - No fim dá tudo certo.

PORFÍRIO - Depende do que é que voce chama de dar certo.

GENERAL - (para Joãozinho). Nem dá resposta a ele. Esse sujeito não merece a menor consideração.

PORFÍRIO - General: sua filha não mora aqui comigo.

GENERAL - Voce nem sabia que ela estava de camisolinha aí no seu armário, não é?

PORFÍRIO - Isso eu sabia, mas...

GENERAL - E por que é que ela estava de camisolinha aí no seu armário?

PORFÍRIO - Prá se esconder do senhor, mas...

GENERAL - E de quem foi a idéia de escondê-la no armário?

PORFÍRIO - Foi minha, mas...

GENERAL - Então como é que voce ainda quer negar que a seduziu?

PORFÍRIO - (exasperado). Mas eu não seduzi. (aproximando-se do sofá onde Daisy está deitada).

DAISY - (falada não totalmente restabelecida). Não, papai. Ele não me seduziu.

PORFÍRIO - Esta vendo?

GENERAL - Minha filha, não procure defender esse canalha. Voce nem sabe o monstro que ele é.

PORFÍRIO - Daisy, conte a seu pai tudo o que se passou aqui.

GENERAL - Isso é que nunca. Não vou admitir que a ingenuidade de minha filha seja corrompida contando toda a pouca vergonha que se passou entre voces.

PORFÍRIO - Mas não houve pouca vergonha nenhuma!

GENERAL - Mas voce nada é pouca vergonha. Voce acha tudo perfeitamente natural. O porteiro me avisou!

PORFÍRIO - Assim não é possível. O sr. não deixa eu explicar.

GENERAL - E não drizo mesmo. Porque prá seu crime não há explicação possível! Mas isso não vai ficar assim não.

PORFÍRIO - Você fique o sr. sabendo que Daisy mora é no apartamento de Joãozinho.

JOÃOZINHO - Porfírio!!

PORFÍRIO - (imitando Joãozinho). JOÃOZINHO!

GENERAL - Cômico! Como é que voce tem coragem de incriminar um rapaz como o Joãozinho, que é um perfeito cavalheiro?

PORFÍRIO - Mas é com ele que ela mora. Juro.

GENERAL - Voce jurou antes que Daisy não estava aqui.

PORFÍRIO - Pergunte a ela.

GENERAL - Ah, mas isso não vai ficar assim, não.



mb

ATO II

(Mesmo cenário. Porfírio de calção faz ginástica com dois pequenos pesos. Está fumegando de ódio. Joãozinho anda de um lado para o outro).

JOÃOZINHO - Foi até bom isso acontecer, porque agora eu pude ver como você é meu amigo. (Pausa; Joãozinho continua a andar. Pára de novo). E não há nada que eu aprecie mais que a amizade. Foi uma coisa que papai sempre me ensinou. (Continua a andar. Pára de novo). Puxa, Porfírio, você não sabe a adoração que eu estou sentindo por você. Mas eu também seria capaz de qualquer sacrifício pela nossa amizade. Olha, por você, eu seria capaz de dar a minha mão esquerda. (Porfírio continua fazendo ginástica em silêncio, fumilando). Daria até minha mão direita. (o outro continua sem se impressionar). Bom, Porfírio, está bem. Eu daria as duas mãos. (toca o telefone. Joãozinho vai atender).

JOÃOZINHO - (Ao telefone, ultra solícito). Alô? Ah, sim, seu General. Pois não, seu General. O que o sr. quiser, seu General. Estou aqui para servi-lo, seu General. Não. Claro. Lógico. Da Cruz, seu General. (desligando). Às suas ordens, seu General. (desliga e vira-se para Porfírio com um sorriso amarelo e explicativo). Era o General. (Porfírio tem uma contração de ódio). Quería o teu nome completo para os papéis de casamento.

PORFÍRIO - (falando baixo, suave, com um carinho quase maternal com Joãozinho). Joãozinho, voce tem que reconhecer que o que você está fazendo comigo é uma sujeira, não é?

JOÃOZINHO - (meditativo e amável). Não, eu não diria que é exatamente uma sujeira.

PORFÍRIO - (suavíssimo). E por que é que voce não diria que é exatamente uma sujeira, Joãozinho?

JOÃOZINHO - Bem, porque isso é uma troca de favores entre dois amigos.

PORFÍRIO - (aiada exageradamente calmo). Numa troca de favores, Joãozinho, geralmente há dois favores. Um favor prá lá e outro favor prá cá. Mas, neste caso, meu caro Joãozinho, só há um favor. (aos berros). Que é o favor prá lá!

JOÃOZINHO - Calma, Porfírio, calma. Você está nervoso.

PORFÍRIO - Nervoso não. O que eu não gosto é de ser feito de palhaço. Você sabe muito bem que tinha obrigação de ter dito ao General que Daisy morava no SEU apartamento.

JOÃOZINHO - Mas eu achei que seria indelicado.

PORFÍRIO - Indelicado como?

JOÃOZINHO - Depois do homem ter dado aquela brama toda em você, fazer ele repetir tudo comigo seria uma descortesia. Ia deixar o General numa posição ridícula.

PORFÍRIO - E daí?

JOÃOZINHO - Isso não se faz.

• PORFÍRIO - E isso se faz, o que você está fazendo comigo?

JOÃOZINHO - Mas você é meu amigo.

PORFÍRIO - Joãozinho, você vai me fazer um favor. De hoje em diante, você vai me considerar seu inimigo. Seu inimigo de morte, tá bem?

JOÃOZINHO - Prá mim você será sempre um irmão, Porfírio.

PORFÍRIO - Aliás, mais importante do que isso, eu quero saber o seguinte. Pelo que eu compreendi, a nossa amiga Daisy é de uma inocência repulsiva em matéria de sexo, não é?

JOÃOZINHO - Como é que você sabe disso.

PORFÍRIO - Não interessa. É ou não é?

JOÃOZINHO - É.

PORFÍRIO - (invertivando). E como é que você explica isso, se ela própria me disse que não teria nenhuma objeção a se associar mais intimamente com você?

(Pausa. Joãozinho baixa a cabeça).

JOÃOZINHO - (amargurado). Essa é que é o meu drama, Porfírio.

(Porfírio fica chocado e sem jeito diante da reação do outro. Não sabe o que dizer).

PORFÍRIO - (procurando consolar Joãozinho). Bem, mas... espera lá. Vamos... com calma. Não se afobe. Isso deve ser um período apenas. Você talvez ande cansado... No outro dia eu li que descobriram uma vitamina genial...

JOÃOZINHO - (correndo rápido). Você me acha com cara de precisar de vitamina? O meu drama é outro.

PORFÍRIO - Qual é, então?

JOÃOZINHO - Porfírio, eu vou te fazer uma confissão. (envergonhado). Eu sou um rapaz direito.

PORFÍRIO - (surpreso). Mas Joãozinho, você precisa superar essa fase.

JOÃOZINHO - (torturado à la James Dean). Eu sei que isso é uma coisa que não se admite mais hoje em dia... mas eu não posso. Eu não posso, você compreende? Eu não tenho coragem de fazer mal a uma moça, sem pretender casar com ela.

PORFÍRIO - Mas quem é que disse que você está fazendo mal? É apenas uma questão de ética.

JOÃOZINHO - Você não pode compreender isso, porque você é um libertino.

PORFÍRIO - Não, eu compreendo, mas considero um fricote filosófico inteiramente anacrônico.

JOÃOZINHO - Foi por isso que eu até hoje não tive nada com a Daisy. E não é que eu não admita a idéia de poder casar com ela, mas...

PORFÍRIO - (repugnado). Não diga isso.

JOÃOZINHO - Mas você sabe que a minha situação financeira tão cedo não melhoraria.

PORFÍRIO - Mas então eu não entendo uma coisa. Por que é que você não conta esse drama todo ao General? De acordo com a filosofia antiquada dele, ele ia te achar formidável e aí não chateava mais, porque via que a filha não tinha sido seduzida por ninguém.



JOÃOZINHO - Eu pensei nisso. Mas depois do escândalo todo que o General fez com o porteiro, ele naturalmente iria contar esse meu drama ao mesmo porteiro, ao síndico, aos vizinhos, a todo mundo, prá que ninguém pudesse pensar mal de sua filha. Ai...

PORFÍRIO - (cortando). Ai seria ótimo. Você podia tranquilamente se tornar amante dela sem que ninguém pensasse mal de você.

JOÃOZINHO - Nada disse. Ai a notícia iria se espalhar até a turma da praia.

PORFÍRIO (sério e pensativo) - Compreendo.

JOÃOZINHO - Quando Daisy veio morar no meu apartamento, ela me explicou que continuaria a receber roupas e dinheiro do pai, de modo que não me daria despesa alguma. Mas a turma da praia pensa que ela não só é minha amante, como ainda que ela me mantém. E isso me dá um cartaz daqueles. Se eles descobrirem agora que eu sou um rapaz direito, stax eu ficaria desmoralizado para o resto dos meus dias.

PORFÍRIO - Claro! Claro! (pausa).

JOÃOZINHO - Não, contar ao General não é solução.

PORFÍRIO - Bem, mas também não é solução deixar o General fazer eu me casar com ela.

JOÃOZINHO - Precisamos encontrar uma saída.

PORFÍRIO - É rápido, porque enquanto isso o General está desencadeado. (pausa). (animado). Já sei! A Loló!

JOÃOZINHO - Que Loló?

PORFÍRIO - Loló, a nossa vizinha aí do lado.

JOÃOZINHO - Que é que tem ela?

PORFÍRIO - Ela é que vai nos salvar.

JOÃOZINHO - Eu acho muito arriscado qualquer coisa com a Loló.

PORFÍRIO - Por que?

JOÃOZINHO - Porque ela é meio... lenta.

PORFÍRIO - Lenta não é bom o termo. Ela é um quadrúpede disfarçado em mulher.

JOÃOZINHO - Você já tem algum plano?

PORFÍRIO - Tenho. Dá um pulo aí ao lado e pede a ela prá vir cá.

JOÃOZINHO - (indo para a porta). Mas se ela é um quadrúpede, como é que você vai explicar o plano a ela?

PORFÍRIO - No regime da arara. Falar e mandar ela repetir. Vai lá.

(Joãozinho sai, deixando a porta aberta.)

(Porfírio acaba de se vestir a jato.)

JOÃOZINHO - (de fora, metendo a cabeça na porta). Ninguém atende.

PORFÍRIO - Diz que é você. Ela deve estar pensando que é algum cobrador.

JOÃOZINHO - (ainda de fora). Então ela até que raciocina um pouco.

PORFÍRIO - Até aí vai a inteligência dela.

(Joãozinho sai de vista novamente. Em seguida, ouvem-se vozes fora. Joãozinho e Loló aparecem na porta. Loló é uma garota boa e bonita, mas que em geral fala com boca mole).

Teatro de Arena  
Av. Borges de Medeiros, 835  
Fone: 226.0242 - CEP 90020-025

PORFÍRIO - Entre. Pode entrar. Não faça cerimônia.

LOLÓ - (de boca mole). (ainda de fora). Entrar no seu apartamento?

JOÃOZINHO - Pois é. Nós queríamos bater um papinho com você.

LOLÓ - Mas eu nunca bati papinho com um rapaz sôzinha num apartamento.

PORFÍRIO - (explicativo, como quem fala com uma criança). Bom, mas isso era com um rapaz. Aqui nós somos dois rapazes. Logo, não há problema.

(Pausa).

LOLÓ - (com o rosto iluminado, por ter compreendido). Ah... é mesmo!

(Loló e Joãozinho entram, Joãozinho fecha a porta).

PORFÍRIO - Sente-se, Loló.

PORFÍRIO - (lento e explicativo). Loló eu precisava de um grande favor teu. Você faz um favor prá mim?

LOLÓ - (de boca mole). Depende.

JOÃOZINHO - (aliciante e melífluo). É uma coisinha à-toa, que não vai custar nada.

PORFÍRIO - O que eu queria de você era o seguinte.

LOLÓ - (assustada). Ih, é pior.

PORFÍRIO - O que?

LOLÓ - Ficar com dois rapazes em vez de um, sôzinha, num apartamento.

JOÃOZINHO - (meio desalentado). Esse negócio vai demorar duas horas.

LOLÓ - Vou-me embora. É pior, sim.

PORFÍRIO - Não faça isso, Loló. Seria pior num caso qualquer. Mas no nosso caso é diferente.

LOLÓ - (ainda de boca mole). Por que?

PORFÍRIO - (sério e explicativo). Porque nós, em essência abstrata da situação fenomenológica do homem, substantivamos a priori um espírito dogmático. Nós condicionamos fatores imóveis e justapostos no espaço, pelo repertório de "kosmos" existente em nós. É o trânsito da historicidade nos diagnósticos assimilados. (pausa). Compreendeu? (Joãozinho está olhando Porfírio com expressão inteiramente apavorada diante da explicação incompreensível. Loló está com cara de quem ficou vivamente impressionada. Pausa).

LOLÓ - (convicta). Compreendi.

PORFÍRIO - Então senta e cuve. Nós vamos sair e você vai ficar sôzinha aqui. Daqui a pouco vai chegar um homem.

LOLÓ - (levantando, assustada). Outro homem?

JOÃOZINHO - (fazendo Loló sentar de novo). Mas com uma moça.

LOLÓ - Ah, sim.

PORFÍRIO - Aí eles vão perguntar quem é você. E você vai responder que é minha esposa.

LOLÓ - (desconfiada). Esposa?

JOÃOZINHO - (tom brincalhão, para eliminar suspeitas de Loló). É. Isso é uma brincadeira que nós vamos fazer.

LOLÓ - Ah! Uma brincadeira que nós vamos fazer...?

PORFÍRIO - Pois é! Uma brincadeira que nós vamos fazer. Bom, então você entendeu bem essa primeira parte?

LOLÓ - Entendi.

PORFÍRIO - Muito bem. Aí eles vão provavelmente perguntar se nós já somos casados há muito tempo. E voce vai responder que nós nos casamos há cinco anos, mas que logo depois nos separamos.

LOLÓ - Ih, que brincadeira boba.

PORFÍRIO - Bom, nos separamos, mas agora voce voltou.

JOÃOZINHO - Voltou, tá compreendendo?

PORFÍRIO - Voltou prá vir morar comigo, prá continuar a ser minha mulher. Entendeu?

LOLÓ - Entendi.

PORFÍRIO - Então repete.

LOLÓ - Voltou prá vir morar comigo, prá continuar a ser minha mulher.

JOÃOZINHO - Mexa Não. Loló! Voce tem que dizer: "Voltei prá vir morar com ele, prá continuar a ser sua mulher."

LOLÓ - Assim não é repetir.

PORFÍRIO - Porque é que assim não é repetir?

LOLÓ - Porque repetir é dizer igualzinho a mesma coisa.

JOÃOZINHO - Não. Voce repete, mas tem que colocar a frase na primeira pessoa.

LOLÓ - Que primeira pessoa?

JOÃOZINHO - Na primeira pessoa. No pronome "EU". Quando o Porfírio fala com você, ele se refere a voce no tratamento de "voce", mas quando voce fala, voce se refere a voce como "eu" e ao Porfírio como "ele".

LOLÓ - Mas se quando o Porfírio fala comigo, ele se refere a ele como "eu" e a mim no tratamento de "voce", e quando eu falo, eu me refiro a mim como "eu" e ao Porfírio como "ele"...

PORFÍRIO - (aos barros). Chega!

JOÃOZINHO - (querendo continuar). Não, mas...

PORFÍRIO - Joãozinho, por santo amor de Deus!!!

LOLÓ - Nisso eu tenho razão. Se prá mim eu falo no tratamento de "eu", então eu tenho que mudar a frase que o Porfírio disse, e aí eu não estou mais re-pe-tin-do, porque já não estou mais dizendo as mesmas palavras. (triumfante). Conheceu, papudo?

PORFÍRIO - Tá bem, Loló. Ganhou. Você é um gênio.

LOLÓ - (modesta). Qual nada! Voce é que não pensou muito no que tava dizendo.

PORFÍRIO - O importante é que depois de dizer isso tudo, voce não responde mais nada que eles perguntarem. Mais nada, tá O.K.?

LOLÓ - Por que?

JOÃOZINHO - Porque... porque senão eles podem desconfiar da brincadeira.

PORFÍRIO - Voce só diz isso. Que é minha esposa, há cinco anos, que nós nos separamos e que agora voce voltou prá nós continuarmos a viver juntos. Se eles tiverem qualquer dúvida, voce diz de novo isso prá eles. (Pausa).

JOÃOZINHO - Mais alguma coisa, Porfírio? (Joãozinho vai à janela e olha para baixo).

PORFÍRIO - Mais nada.

LOLÓ - Mas vem cá.

PORFÍRIO - Que é, Loló?

LOLÓ - Eu conto essa história toda, mas o que é que eu ganho com isso?

PORFÍRIO - Por esse favor, Loló, você pode pedir o que quiser.

LOLÓ - O que eu quiser?

PORFÍRIO - O que é que você mais deseja na vida?

LOLÓ - Casar.

PORFÍRIO - (para Joãozinho). Joãozinho, cada vez eu me convenço mais que as mulheres não tem a menor imaginação. (para Loló). Por que é que você não pede outra coisa?

LOLÓ - Porque disso é que estou muito precisada.

PORFÍRIO - E se eu te oferecesse um casaco de peles?

LOLÓ - (de boca mole). Marido é mais engraçado. (risinho semi:envergonhado) (Pausa).

PORFÍRIO - Joãozinho, o que é que você está fazendo aí na janela?

JOÃOZINHO - Tô vigiando a chegada do General.

PORFÍRIO - Você quer ir buscar um copo com água para a Loló?

JOÃOZINHO - (desconfiado). Um copo com água?

PORFÍRIO - Perfeitamente. Um copo com água.

JOÃOZINHO - Mas quem é que disse que ela está com sede? Você está com sede, Loló?

PORFÍRIO - Claro que ela está com sede. Então você não está vendo que ela está com sede? Que está até com os lábios rachadinhos. Vai logo.

(Joãozinho vai indo desconfiado para a cozinha).

LOLÓ - (atrapalhada). Eu estou com sede, é?

PORFÍRIO - Está sim. Escuta. Se você fizer isso que eu pedi, eu prometo que faço o Joãozinho casar com você.

LOLÓ - Batata?

PORFÍRIO - Batata.

LOLÓ - Então eu topo.

JOÃOZINHO - (entrando com a água). Pronto. (dá o copo a Loló, que já o olha com o ar mais embebedado do mundo). Porfírio, eu não ~~ganho~~ sei porque eu estou com um pressentimento que esse plano não vai dar certo. (Joãozinho volta para a janela).

PORFÍRIO - Claro que vai dar certo. Se o General se convencer que Loló é minha esposa, ele não pode querer que eu seja bigamo, pode?

JOÃOZINHO - Mas você se esquece... (olha para baixo, agitado). Aí vem eles!

PORFÍRIO - Loló, veja lá, hem! Posso confiar em você? (Porfírio e Joãozinho preparam-se para sair).

LOLÓ - Farei os possíveis.

JOÃOZINHO - Deus é grande!

LOLÓ - Escuta, esse homem que vem aí é seu amigo?

PORFÍRIO - Do peito. Só que ele é muito brincalhão e as vezes finge que não gosta de mim. (elas já estão na porta).

JOÃOZINHO - (da porta). Mas é fingimento. Só fingimento. (saem e fecham a porta. Lolô fica sôzinha ensaiando em silêncio as respostas que lhe foram ensaiadas. Depois faz uma cara de quem não está entendendo muita coisa. Mas dá de ombros e aguarda. Toca a campainha).

LOLÔ - (abrindo a porta). Pode entrar. (o General e Daisy entram meio desconfiados e procuram com os olhos Porfírio e Joãozinho).

GENERAL - Onde estão Porfírio e Joãozinho?

LOLÔ - (após pequena hesitação). Saíram.

GENERAL - Mas vão demorar?

LOLÔ - (nova hesitação). Acho que não.

GENERAL (sentado). Muito bem. Nós esperamos então. (Pausa).

LOLÔ - Ih, começa logo!

DAISY - Começa o que?

GENERAL - Desculpe perguntar, mas quem é você?

LOLÔ é (satisfeita por ter sido finalmente feita a pergunta que esperava, responde convicta). Eu sou a esposa de Porfírio.

DAISY - (desconfiada). Esposa?

LOLÔ - (explicativa). É. Isso é uma brincadeira que nós vamos fazer.

GENERAL - Brincadeira? Que brincadeira?

LOLÔ - Não era isso que o sr. devia perguntar agora.

GENERAL - O que é que eu devia perguntar agora?

LOLÔ - Há quantos tempos nós somos casados.

GENERAL - Muito bem. Então me diga. Há quanto tempo vocês são casados?

LOLÔ - Há cinco anos.

DAISY - Mas casados no duro?

LOLÔ - (hesitante, coçando a cabeça). Bem, isso ele não explicou, mas eu acho que é.

GENERAL - E onde é que voce andou todo esse tempo?

LOLÔ - Nós logo depois nos separamos.

DAISY - Bem, mas onde é que voce esteve?

LOLÔ - Por aí.

GENERAL - E agora voce voltou?

LOLÔ - Voltei... Espera aí. Como era mesmo? Voltei... prá vir morar comigo, prá continuar a ser sua mulher. Teve que ficar assim por causa da primeira pessoa.

(O General e Daisy se entreolham, desconfiadíssimos).

GENERAL - A senhora quer fazer o favor de repetir essa frase?

LOLÔ - Como foi que eu disse mesmo?

GENERAL - A senhora disse: "Voltei prá vir morar comigo, prá continuar a ser sua mulher".

LOLÔ - Olha, deixa eu dizer depressa que sai. (fecha os olhos e dispara as palavras). Voltei prá vir morar com ele, prá continuar a ser sua mulher. (abre os olhos triunfantes). Viu?

GENERAL - (nervoso). Daisy, voce quer ver se descobre quem é essa louca e o que é que ela está fazendo aqui?

m

DAISY - Você tem filhos?

LOLÓ - Isso eu não posso responder.

DAISY - Por que?

LOLÓ - Porque senão vocês vão desconfiar da brincadeira.

GENERAL - Mas afinal de contas, que brincadeira é essa?

LOLÓ - (mucando a cabeça). Pois é. Isso é que eu também não sei.

GENERAL - Escuta, menina. Responda com toda a sinceridade. Você tem certeza que não é maluca?

LOLÓ - (intimidada). Eu sou a esposa de Porfírio.

GENERAL - Mas nunca esteve internada?

LOLÓ - Há cinco anos?

DAISY - Você hoje já esteve conversando com o Porfírio?

LOLÓ - Mas logo depois nos separamos.

DAISY - Porfírio disse a você prá que é que eu vinha aqui?

LOLÓ - Prá vir morar com ele, prá ser sua mulher.

GENERAL - (aos barros). Tá tudo explicado. Mas fique sabendo que o canalho, crata do seu amiguinho não me escapa. E que vai acabar na igreja nem que seja a bala.

LOLÓ - Pura, se isso é fingimento, o sr. finge bem prá xuxu.

GENERAL - Fingimento? Você vai ver a lição que eu vou passar naquele libertino.

(Nesse momento abre-se a porta com violência e surgem Porfírio e Joãozinho. Porfírio pára dramaticamente na entrada.)

PORFÍRIO - (olhando Loló). Querida! Tu Voltaste! (ligeira pausa).

LOLÓ - (de boca mole). Olha, danou tudo!

(Porfírio parte para abraçá-la).

PORFÍRIO - Oh, meu amor! Há quanto tempo!

LOLÓ - Tou dizendo que danou tudo!

PORFÍRIO - Compreendo. A tua vida longe de mim é que se danou, não foi? Mas não há de ser nada, meu bem. Vamos recomeçar tudo e reconstruir o nosso lar. (Porfírio está abraçado com ela; há um silêncio). Não dizem nada, querida?

GENERAL - (peremptório). Não vai reconstruir coisa nenhuma.

PORFÍRIO - Ah, General, o senhor está aí?

GENERAL - (sereno e definitivo). Eu vim aqui prá você assinar os papéis do casamento. (Confia um papel na mão de Porfírio).

PORFÍRIO - (amável, embora recebendo o papel). Não vê o senhor, General, que eu não lhe disse antes, mas sucede que eu já sou casado.

GENERAL - (aproximando-se de Porfírio e oferecendo-lhe sua caneta). Você tem caneta? Porque se não tiver, eu não tenho objeção alguma em emprestar a minha.

PORFÍRIO - (parando). General, parece que o senhor não compreendeu bem. Eu disse que JÁ ERA casado. (amável). E de acordo com a lei brasileira, não sei se o senhor sabe, a gente não pode casar duas vezes.

GENERAL - (sacando o revólver). Não se faça de besta e assina logo, porque eu quero dar entrada nos papéis ainda hoje.

• PORFÍRIO - (vãolento). Mas isso é uma violência. O sr. não pode fazer isso. É um crime contra a liberdade individual de um cidadão. Afinal de contas, eu tenho meus direitos. (ralentando gradativamente o ritmo da frase). E não posso ser forçado a assinar... uma coisa... com a... qual... eu... não... estou... de acordo. (baixo e humilde). Não posso... Ou posso?

GENERAL - (ainda amável). Pode. (Porfírio está com o papel e a caneta na mão).

PORFÍRIO - (com os olhos fixos no revólver). Joãozinho, você me acharia um traidor se eu agora contasse tudo... Mas tudinho mesmo?

JOÃOZINHO : Ainda não chegou o momento de empregar medidas tão extremas.

PORFÍRIO - (após rápida feitura). De minha livre e espontânea vontade, General?

GENERAL - (sempre amabilíssimo). Assina, meu anjo.

(Porfírio vai assinar, mas pára).

PORFÍRIO - Joãozinho, só prá minha informação, eu queria saber o seguinte. Você acha que o momento de empregar medidas extremas prá salvar um guilhotinado é antes ou depois da cabeça pular fora?

GENERAL - (aos berros, com o revólver na cara de Porfírio). Assina!

PORFÍRIO - Já que falou com bons modos...

(Porfírio assina. O General guarda o revólver. Pega o papel, olha-o com carinho e então enxuga uma lágrima furtiva).

GENERAL - (emocionado). Meus filhos, vocês me desculpem a emoção, mas é que eu sou um velho de natureza sentimental. (Porfírio olha com cara de pouca amizade pra ele). É esse o momento romântico com que eu sempre sonhei na minha vida; ver minha filha pedida em casamento. Mas como eu não sei fazer discursos bonitos, só quero dizer uma coisa a vocês: sejam felizes. (beija os dois).

PORFÍRIO - Isso já é tripudiar.

GENERAL - (encaminhando-se para sair). Daisy, meu bem, fique aí direitinho com seu noivo, que o papai já volta. (para Porfírio). Meu genro, comporte-se, sim! (para Joãozinho e Loló). Prá vocês que ficam, até logo. (sai. Pausa).

LOLÓ - (de boca mole). Até que ele é um bocado simpático, não é?

PORFÍRIO - (de boca mole, imitando Loló). Você acha, acha?

DAISY - Ih, você já vai começar, é?

PORFÍRIO - Começar o que?

DAISY - Fique sabendo que nenhum de nós está aqui disposto a atuar seu sarcasmo nem seu mau humor.

PORFÍRIO - Você se esquece que vocês é que estão na minha casa? Os incomodados que se mudem.

DAISY - E você se esquece que está falando praticamente com a sua esposa?

PORFÍRIO - Esposa?

LOLÓ - (convencida que está acertando em cheio). É. Isso é uma brincadeira que nós vamos fazer.

PORFÍRIO - (romando). Loló, chega, ouviu? Essa brincadeira já acabou.

LOLÓ - (chorosa). Você não tem direito de falar assim comigo. Eu respondi tudo direitinho.

JOÃOZINHO - Calma, Loló.

LOLÓ - (ainda chorosa). Não posso entender porque é que não deu certo. m

JOÃOZINHO - Não chora. No fundo, Porfírio não está zangado com você.

PORFÍRIO - (irônico). Claro que não. (sardônico, para Loló). Eu só queria era um outro favor teu.

LOLÓ - (de boca mole). Pois não, Porfírio.

PORFÍRIO - (ultra:sardônico). Era que você pegasse uma gillete e cortasse uma a uma as veias de teu pulso. Ou então tomasse café com formicida. (vai pegando um tom violento). Ou ateasse fogo às vestes. Ou metesse uma bala na cabeça.

(Loló, que conforme Porfírio falava ia ficando cada vez mais assustada, rebenta num pranto convulsivo.)

JOÃOZINHO - Calma, Loló. Não chore. É que Porfírio está nervoso. (vai levando Loló para a porta). Vamos sair um pouco. Vamos dar uma voltinha. (saem).

DAISY - (para Porfírio). Você não tem mesmo um pinga de coração.

PORFÍRIO - Vocês por acaso é que tem? O que eu acho gozado é o tom com que você já fala comigo.

DAISY - Que tom?

PORFÍRIO - Esse tom de vida de casado.

DAISY - Não diga bobagens, porque nós ainda nem sequer somos casados.

PORFÍRIO - A simples perspectiva do casamento, transforma qualquer Pier Angeli em um Boris Karloff.

DAISY - Bem, eu realmente fui um pouco indelicada com você, mas você também foi muito indelicado com a Loló.

PORFÍRIO - (levemente representando). Não, não tem importância. E não se compreenda mal. Eu gosto de você. Você é o tipo de mulher bonita, de personalidade e de bom coração que eu sempre admirei.

DAISY - (surpresa e um tanto irônica). Que é que há com você, hem?

PORFÍRIO - Não, no duro. Não é confete, não. Honestamente, você tem um encanto pessoal, um carinho envolvente, que seduz qualquer pessoa.

DAISY - É isso que você diz a todas as suas namoradas?

PORFÍRIO - Bem, se você acha repulsiva e não quer acreditar, isso é problema seu. Uma coisa te digo. Eu estou falando exatamente o que eu estou sentindo.

DAISY - É que você mudou tão de repente...

PORFÍRIO - (ainda levemente representando). Daisy, eu sou muito diferente do que vocês se julgam. No fundo eu sou um romântico. E todas essas minhas teorias não são puro mecanismo de defesa.

DAISY - Por que você ainda não se encontrou...?

PORFÍRIO - Exatamente. E na verdade eu levo uma vida triste, solitária, e tremendamente amargurada.

DAISY - (sincera). Puxa, você deve sofrer um bocadinho.

PORFÍRIO (salsamente amargurado). Não há nada pior que ter cada dia uma pequena. De que cada dia conhecer um corpo diferente. É um sofrimento pavoroso.



DAISY - Eu nunca imaginei que os homens pudessem pensar assim.

PORFÍRIO - Eu não sou um homem como os outros. Eu acho que sexo, apenas por sexo, sem uma ligação afetiva, não é um ato digno de criaturas evoluídas.

DAISY - É exatamente o que eu também acho.

PORFÍRIO - Pois é. Eu senti que voce pensava assim. Por isso, logo à primeira vista, eu gostei de voce.

DAISY - Até que voce não é tão ruim quanto eu pensava.

PORFÍRIO - E agora nós vamos nos casar.

DAISY - Aliás, aí há uma coisa que eu quero te explicar, Porfírio.

PORFÍRIO - Eu também tenho uma coisa que eu quero te explicar. É o seguinte. Eu sou definitivamente contra a noite de núpcias.

DAISY - Contra?

PORFÍRIO - É. Eu acho que o dia do casamento é um dia muito agitado, muito cheio de corre-corre, de modo que, pr'a minha sensibilidade, a noite desse dia não é em absoluto o momento ideal para a primeira ligação de amor entre duas pessoas.

DAISY - E daí?

PORFÍRIO - Dai, que na minha opinião, quando duas pessoas se casam, já devem se conhecer com toda a intimidade, pr'a evitar constrangimentos. E, para se conhecerem, nada melhor do que um momento tranquilo e despreocupado em que os dois estejam juntos, numa perfeita comunhão espiritual. ( pausa ) . Um momento como esse que nós estamos vivendo agora.

DAISY - Continua.

PORFÍRIO - Na noite de núpcias, quando o rapaz segura a mão da moça, há um certo mal estar, porque aquilo já estava pré-determinado. Mas num dia qualquer, quando ele segura a mão dela ( segura a mão de Daisy ) , aquilo tem um significado muito mais profundo, porque foi alguma coisa que surgiu com emoção e espontaneidade. Por outro lado...

DAISY - ( desprende-se dele ). Basta de tapiação. Você pensa que eu não sei onde você quer chegar? O que eu fico boba é de ver como você pode querer fazer isso com a namorada do seu melhor amigo.

PORFÍRIO - ( furioso ). Solas! E com quem meu melhor amigo quer se ver casado.

DAISY - Isso não tem nada a ver com o peixe.

PORFÍRIO - Isso é o próprio peixe.

DAISY - Você é mesmo um libertino sem moral.

PORFÍRIO - Nós não vamos nos casar?

DAISY - Vamos.

PORFÍRIO - Então porque é que a gente não pode começar a se amar logo, desde hoje?

DAISY - Porque você não me dá falta de ar.

PORFÍRIO - Mas você não vai permitir que esse detalhe técnico atrapalhe toda a minha vida.

DAISY - Fique sabendo que nós vamos nos casar pr'a eu me libertar das garras de papai e pr'o Joãozinho não poder ter mais aqueles dramas de ra paz direito. Em seguida, eu venho morar aqui, para não dar despesas ao Joãozinho e mesmo porque, perante a lei, você tem obrigação de me manter. Mas não vamos ter nada um com o outro, tá me entendendo? Todas as minhas noites de amor, eu as passarei com o Joãozinho. E pode começar a juntar dinheiro também, porque é voce que vai pagar minha lua de mel com meu amor. PORFÍRIO - (estupefato). Mas isso não se faz a um cão danado.

DAISY - E tem mais. Quero esse apartamento limpo, arrumado e, de hoje em diante, sem aquele quadro libidinoso na parede. (Daisy parte para o quadro "neste apartamento mora um solteiro feliz").

PORFÍRIO - (num apelo patético). Não! Isso não!

DAISY - (virando o quadro). Quero decência aqui dentro!

PORFÍRIO - (num gemido repugnado). Decência?

DAISY - E acima de tudo moral. (começa a cair o pano. Daisy abre a porta para sair.) Moral, tá me entendendo? (sai batendo a porta).

(Termina de fechar o pano sobre o 2º ato).

### ATO III

(Mesmo cenário, mas sem o quadro "neste apartamento ..." na parede. Porfírio e o General estão em cena jogando uma partida de xadrez).

PORFÍRIO - General, eu não sei como lhe dizer isso, mas sou forçado a lhe dar uma notícia desagradável que vai alterar muitos dos seus planos.

GENERAL - (apreensivo). O que é?

PORFÍRIO - Eu compreendo que o sr. fez uma série de projetos baseado num fato e que agora, com essa notícia, esses projetos irão todos por água abaixo, mas...

GENERAL - Fale logo.

PORFÍRIO - ... Mas chegou o momento em que não posso mais lhe sonegar o que está passando aqui. General, o sr. vai me desculpar imensamente eu lhe dizer isso, mas a realidade nua e crua... e que sua filha... é virgem. (pausa).

GENERAL - Por que?

PORFÍRIO - Porque... Ora, porque. O sr. tem idade bastante prá saber porque

GENERAL - O sr. tem alguma deficiência?

PORFÍRIO - Não é bem esse o caso, General!

GENERAL - (mais queimado). O sr. está então por acaso querendo insinuar que minha filha não é atraente o bastante para entusiasmar um homem?

PORFÍRIO - General, eu tinha prometido ao Joãozinho não contar nada a respeito desse caso. Mas agora eu já fui empurrado até muito perto do altar, de modo que sou forçado a quebrar minha promessa. Daisy morava, não comigo, mas com o Joãozinho.

GENERAL - Mesmo que isso fosse verdade, continua inteiramente inexplicável essa pureza de minha filha.

PORFÍRIO - Acontece que o Joãozinho tem o grave defeito de ser um rapaz direito.

GENERAL - Bem, vamos ver isso por partes. Primeiro. Como é que voce pode provar que Daisy não morava com voce e sim com o Joãozinho?

PORFÍRIO - Vou lhe responder também por partes. Primeiro. O sr. já percebeu que nas novelas policiais o assassino não é nunca aquele que tá na cara que devia ser?

GENERAL - Já.

PORFÍRIO - E quem é normalmente o assassino?

GENERAL - O mordomo.

PORFÍRIO - Que é o tipo do sujeito que é um verdadeiro doce de côco e que ninguém desconfiava, não é?

GENERAL - Exatamente.

PORFÍRIO - Muito bem. Pois no nosso caso, o mordomo é o Joãozinho. (pausa) Segundo. Que é que todo mundo diz que eu sou?

GENERAL - Um libertino.

PORFÍRIO - E o sr. acha que um libertino que se preza, um sujeito que tem horror mortal ao casamento, iria estar morando com uma moça numa vida em tudo e por tudo semelhante a do casamento?

GENERAL - Realmente... Parece que não.

PORFÍRIO - Terceiro. Quando o sr. entrou no apartamento do Joãozinho, qual foi sua impressão?

GENERAL - Muito boa.

PORFÍRIO - E quando o sr. entrou no meu apartamento, qual foi sua impressão?

GENERAL - Uma respeitável bagunça.

PORFÍRIO - Uma salutar e respeitável bagunça masculina. Muito bem. Agora me diga uma coisa. O sr. considera sua filha uma relapsa?

GENERAL - Não.

PORFÍRIO - Então onde é que é mais provável que Daisy estivesse morando? meu apartamento ou no do Joãozinho?

GENERAL - No do Joãozinho.

PORFÍRIO - Quarto e último. Quando o Sr. estava procurando Daisy neste apartamento, o sr. chegou a ir até o banheiro?

GENERAL - Cheguei.

PORFÍRIO - E o que é que o Sr. viu lá?

GENERAL - Apenas alguns jornais espalhados.

PORFÍRIO - ( inflamado). E o sr. acha que há alguma mulher no mundo que permita ao marido ou ao amante o prazer humano e singelo de ler tranquilamente seus jornais?

GENERAL - De forma alguma.

PORFÍRIO - Então o Sr. concorda que esses benditos jornais são a prova definitiva da minha vida de solteiro?

GENERAL - Você me convenceu. Daisy morava com o Joãozinho. Mas como é que eu agora posso ter certeza que ele não abusou de minha filha?

PORFIRIO- Observando os seguintes detalhes. Um. O ar aparvalhado do Joãozinho, que é típico de rapaz direito. O vigarista tem um brilho fascinante no olhar que o sujeito honesto nunca tem. Dois. A preocupação de Joãozinho em querer ficar "bem" diante do sr. O libertino não se incomoda em ser considerado libertino. Três. A ansiedade desvairada de Daisy em querer casar e ter uma lua de mel. A moça que... já se encontrou na vida, também quer casar, mas com mais serenidade.

GENERAL- Isso significa uma mudança completa nos meus planos.

PORFIRIO- Mas também significa que se acabaram as suas preocupações.

GENERAL- Só que Daisy volta a ficar sem nenhum marido à vista.

PORFIRIO- Acima de tudo, Genral, o importante é que agora não se justifica mais o sr. andar sacando o seu revólver por aí.

GENERAL- ( cordial). Você é um patife de última classe, mas ainda assim quero explicar que se assumi uma atitude aparentemente violenta foi...

PORFIRIO- Aparentemente?

GENERAL- .... Foi porque eu tenho uma estima e um amor imenso a minha filha. A mãe morreu quando ela tinha dois anos e voce sabe que não é fácil para um pai substituir o seio materno.

PORFIRIO- ( intencional ). Claro!

GENERAL- Nem tornei a me casar para me dedicar inteiramente a ela. E esta vida sozinho foi me tornando cada dia mais ~~maxxxxx~~ austero.

PORFIRIO- Todo sujeito só é um moralista.

GENERAL- Quando ela quis vir para o Rio, eu só concordei porque ela vinha morar na casa de uma familia conhecida. Mas agora vi, que mesmo assim, os perigos são muitos. Nunca se pode ter certeza de que ela vá encontrar sempre com rapazes, honrados e distintos como o Joãozinho. Há também os tipos como você. Por isso eu levá-la de volta p'ra minha companhia.

PORFIRIO- ( despedindo-se dele ). Embora em matéria de amor o Sr. seja o tipo do reacionário, eu até que gosto do senhor.

( nesse instante entra Joãozinho, cabisbaixo e amargurado)

GENERAL - ( alegre, para Joãozinho). Meu rapaz , já sei de tudo!

JOÃOZINHO - ( espantado). Tudo?

PORFIRIO- ( definitivo ) . Graças a mim.

GENERAL - ( pomposo). E devo dizer que admirei imensamente sua conduta irreprochável.

JOÃOZINHO - Irreprochável?

GENERAL- Não é todo o dia que se encontra um gentleman como você, meu rapaz. Um gentleman com a retidão moral e o caráter que você demonstrou.

JOÃOZINHO- O sr. tá exagerando, General...

GENERAL- Não seja modesto. Você é um dos poucos que pode dizer com orgulho; eu sou um cavalheiro.

JOÃOZINHO - Mas general, eu não sou...

GENERAL- ( cortando). Meu rapaz, no meu nome e no de minha filha...

~~XXXXXXXXXX~~

JOÃOZINHO- ( nervoso). Genrral....

GENERAL- Eu quero lhe agradecer o fato de não ter feito aquilo que qualquer libertino teria feito.

JOÃOZINHO- ( exasperado). General, o que eu estou tentando dizer é que a M  
caberei de fazer exatamente aquilo que qualquer libertino teria feito.

GENERAL- ( perplexo). Mas como é que o sr. pôde fazer uma coisa dessas?

JOÃOZINHO- Como? Da maneira tradicional!!!

PORFIRIO- ( divertido). Quando foi isso?

JOÃOZINHO- Agora... agorinha.

GENERAL- E eu que o julguei um cavalheiro.

PORFIRIO- ( imitando o general). Meu rapaz, meus parabéns.

GENERAL- Súcia de crápulas.

JOÃOZINHO - ( abatido). Eu sou um canalha.

GENERAL- ( partindo para a porta). Vou buscar minha filha. Vou imediatamente buscar minha filha.

( sai. Pausa. Joãozinho deixa-se cair numa poltrona arrasado)

JOÃOZINHO- ( amargurado). Que é que eu faço agora, Porfírio?

PORFIRIO- ( tranquilíssimo). Ora, o caso também, não é assim tão sério...

JOÃOZINHO- Eu me sinto o último dos canalhas.

PORFIRIO- Obrigado. ( Porfírio começa a arrumar o apartamento)

JOÃOZINHO- Obrigado por que?

PORFIRIO- Porque assim, no máximo, eu poderei ser o penúltimo.

JOÃOZINHO- Brincadeira tem hora, Porfírio.

PORFIRIO- E eu acho essa hora agora tão boa quanto qualquer outra.

JOÃOZINHO- Você não vê que eu me envolvi numa responsabilidade tremenda?

PORFIRIO- Não vejo responsabilidade nenhuma. ( Porfírio pega o quadro "nete apartamento"... para recolocá-lo na parede).

JOÃOZINHO- Você não pode compreender isso porque você é um libertino.

PORFIRIO- Comparado com o que vocês planejam e agem aqui, eu 'tou chegando a conclusão que eu sou um anjinho fugido de presépio.

JOÃOZINHO- Será que você não podia me ajudar em nada?

PORFIRIO- ( definitivo). Não. Caso você ainda não tenha percebido, eu agora vou pedir a vocês todos que sumam do meu apartamento e começo vida nova, meu velho. Longe de preocupações e, se Deus quiser, uma vida inteiramente sem moral. ( aciona um interruptor, que reduz a luz do ambiente. Em seguida liga a vitrola. Entra em bg uma marcha militar do genero do hino dos fuzileiros navais americanos.)

JOÃOZINHO- Voce não vai nem se interessar pelo que vai acontecer comigo?

PORFIRIO- Que tal a minha hova técnica?

JOÃOZINHO- Antigamente a música era romântica.

PORFIRIO- Aí é que está. Música romântica é justamente o que a vítima está esperando. É um condicionamento muito elementar.

JOÃOZINHO- O que eu acho formidável é esse acabamento profissional que você empresta a uma conquista.

PORFIRIO.- A marcha militar exerce uma influência sub-~~liminar~~ <sup>liminar</sup>. A figura vai começando a ficar com vontade de assumir uma atitude heróica. E a tendência ao leito se torna uma consequência lógica irreversível.

JOÃOZINHO.- Isso já é colocar uma cantada em termos de sistema filosófico.

PORFIRIO.- Você conhece a Mariusca?

JOÃOZINHO.- Aquela boa, que não dá bola p'ra ninguém?

PORFIRIO.- Exatamente. Pois eu boleei uma técnica infalível para atraí-la a este apartamento.

JOÃOZINHO.- Ela não quer nada.

PORFIRIO.- Quer. Eu sei que quer porque apliquei um teste psicológico. Perguntei a ela, se ela tivesse que ir à Europa e se pudesse visitar somente uma cidade, qual cidade que ela escolheria. Ora, uma moça preocupada em estudos, responderia Roma. Mas ela respondeu, Paris. O que revela suas tendências óbvias.

JOÃOZINHO.- E o que é que você vai começar a fazer?

PORFIRIO.- Começar a sair com ela.

JOÃOZINHO.- Isso é o que todos têm feito.

PORFIRIO.- Mas com a diferença que eu não vou querer absolutamente nada. Vou pegá-la em casa, de automóvel, muito digno, passear um pouco e depois levá-la de novo em casa de automóvel, sem nem pedir p'ra segurar na mão.

JOÃOZINHO.- Não 'tô entendendo onde você quer chegar.

PORFIRIO.- Isso quatro ou cinco vezes. Almoços, jantares, concertos de piano, convites pr'á assistir peças de Berthold Brecht. Negócio cultural p'ra xuxu. E sem falar em sexo. Aí a coitadinha vai começar a ficar meio intrigada.

JOÃOZINHO.- Puxa, êsse plano é a longo prazo.

PORFIRIO.- Mas funciona. Ela vai começar a pensar lá com seus botões. Que é que há com esse sujeito, que canta tudo que 'e pequena e comigo não quer nada?

JOÃOZINHO.- ( fascinado). E vai achar que o defeito talvez seja dela. Que ela não é boa e bastante p'ra você.

PORFIRIO.- E vai passar a se oferecer. Vai falar com aquela boquinha linda assim bem juntinho da minha. E eu nem pelota.

JOÃOZINHO.- Você vai traumatizar a garota.

PORFIRIO.- Até o dia em que eu marcar um encontro aqui no meu apartamento. Ela vai vir rastejando. Implorando o meu amor. ( pausa ) O resto, eu deixo a sua imaginação completar.

JOÃOZINHO.- ( fascinado). Isso é que é vida. ( Porfirio desliga a vitrola). ( amargurado). Puxa, p'ra que é que eu fã inventar de ser um rapaz direito?

PORFIRIO.- Joãozinho, você tem que se convencer de uma coisa. Na vida, tudo o que é bom, é pecado.

JOÃOZINHO.- Uma coisa eu não posso perdoar meus pais.

PORFIRIO.- O que é ?

JOÃOZINHO.- Terem me dado uma formação moral tão sólida.

PORFIRIO.- Você ainda insiste nessas idéias "demodées"?

JOÃOZINHO- ( solene). Depois do que eu fiz, a única solução é o casamento

PORFIRIO- Joãozinho, eu vou te pedir uma coisa.

JOÃOZINHO- Fala.

PORFIRIO- É que você tenha um pouco mais de pudor e não fale em casamento con tanta naturalidade. Eu sou um sujeito muito sensível, sabe?

JOÃOZINHO- Pôra mim o mal não é tanto o casamento. O diabo é que ela é tão burrinha...

PORFIRIO- ( intencional). Eu até que acho uma menina muito viva...

JOÃOZINHO- Muito viva? Ah! Então eu sou um cérebro eletrônico. ( Pausa. Os dois param na posição em que estão. Em seguida vão virando lentamente o rosto um para o outro).

PORFIRIO- Espera aí! De quem é que você está falando?

JOÃOZINHO- Da Loló, ora essa.

PORFIRIO- Então foi com ela?

JOÃOZINHO- ( cabisbaixo). Pois é. Foi com ela.

PORFIRIO- Eu pensei...

JOÃOZINHO- E agora eu vou ter que casar com a quela mentecapta.

PORFIRIO- Mas você sabendo como você pensa, como é que fou fazer uma coisa dessas?

JOÃOZINHO- A carne é fraca, Porfírio...

PORFIRIO- E agora vai casar...?

JOÃOZINHO- ( dramático). Não posso suportar a idéia de não casar e saber que causei a perdição de uma moça, que lancei no mundo uma infeliz.

( Nesse instante abres-se a porta e entra Loló, com o ar mais feliz do mundo)

LOLÓ- ( sorridente para os dois)- Obal ( pausa).

PORFIRIO- ( para Joãozinho)- Até que ela não parece assim tão infeliz... Mas se você acha que deve casar...

JOÃOZINHO- ( cortando). É uma questão de fôro íntimo.

PORFIRIO- Já sei, que eu não posso compreender porque...

LOLÓ- ( cortando com ar de quem descobriu a pólvora). Porque você é um libertino.

PORFIRIO- Loló, o que me impressiona é a originalidade das tuas conclusões.

( Nesse instante abres-se a porta e entra o General puxando Daisy pelo braço).

GENERAL- ( solene). Meus senhores, tenho uma revelação a fazer. Perdi a confiança em minha filha. Porque depois da confissão completa do Joãozinho, ela ainda insiste em querer defender a sua pareza.

PORFIRIO- Acontece que houve um engano, General.

DAISY- Eu bem que disse a papai que tinha havido um engano. Não era possível. Eu não me lembro de nada. E isso é o tipo da coisa que não pode acontecer com a gente se lembrar.

GENERAL- Qual foi o engano?

mm

PORFÍRIO- A pureza perdida no caso não foi a de sua filha, e sim a da nossa vizinha aqui presente.

DAISY- O quê? Quer dizer que eles dois...

PORFÍRIO- É.

GENERAL- Quer dizer que a minha filha ainda...

PORFÍRIO- Ainda.

DAISY- E agora? Que é que vai acontecer?

PORFÍRIO- Agora Joãozinho e Loló vão se casar.

DAISY- ( indignada). É o fim! O fim de final!

PORFÍRIO- Eu disse a você.

DAISY- Disse o quê?

PORFÍRIO- Que esse era um plano que funcionava com a precisão de um relógio suíço.

GENERAL- Bem, então... Está tudo resolvido.

DAISY- Joãozinho, fique sabendo que você caiu no meu conceito.

GENERAL- Mas minha filha, ele vai remediar o mal casando com Loló.

DAISY- O problema não é esse. O dato é que o mínimo de consideração que ele podia ter comigo, era me dar prioridade.

LOLÓ: ( de boca mole). Quem vai ao vento perde o assento.

PORFÍRIO- Depois dessa frase bíblica da Loló, eu acho que você não tem outra solução se não se conformar, minha cara Daisy.

DAISY- Não. Antes eu quero ver o que o Joãozinho tem a me dizer.

GENERAL- ( consolando). Conforme-se minha filha, conforme-se. Loló teve apenas mais sorte que você. Só isso.

DAISY- ( imperativa). Fala, Joãozinho.

JOÃOZINHO - Bem, voce sabe... Nós saímos juntos daqui. Loló estava magoada com o que Porfírio tinha dito a ela. Aí ela começou a chorar... Aí eu comecei a consolá-la... Aí ela chorou mais... Voce sabe como é. Eu sou um sujeito de coração mole. Não sei resistir a lágrimas de mulher.

GENERAL - Bem amigos, o que passou, passou. E agora chegou o momento da separação. Daisy e eu voltamos hoje mesmo para Minas. (para Joãozinho e Loló). Prá voces, meus votos de felicidades.

JOÃOZINHO - Obrigado, General.

GENERAL - E voce, Porfírio, veja se segue o exemplo de Joãozinho.

PORFÍRIO - Boas festas, General.

GENERAL - (encaminhando-se para Daisy). Eu vou descer que eu ainda tenho que fazer umas compras. Enquanto isso voce pega as suas roupas lá no apartamento de Joãozinho. Depois deste que eu estarei te esperando lá em baixo.

DAISY - Está bem, papai. (o General encaminha-se para a porta).

GENERAL - (da porta). Bom amigos, até mais ver então. (sai).

PORFÍRIO - JOÃOZINHO - LOLÓ - (juntos). Tchauzinho. Até a vista, General. Até logo, General.

DAISY - (zangada). Joãozinho, voce quer então devolver minhas roupas?

JOÃOZINHO - Pois não. (saem Joãozinho e Daisy. Pausa).



PORFÍRIO - (ar honesto). Loló, nós andamos discutindo um pouco (aciona o interruptor que reduz a luz do ambiente), mas eu não quero que voce me compreenda mal. Na verdade eu gosto de voce. Voce é o tipo da mulher bonita, de personalidade e de bom coração que eu sempre admirei. (lêga a vitrola, entra a marcha militar em bg).

LOLÓ - (admirada) Eu, é?

PORFÍRIO - E isso não é confete, não. Honestamente, voce tem um encanto pessoal, um carinho envolvente, que seduz qualquer pessoa.

LOLÓ - Por que é que voce tá falando tão macio?

PORFÍRIO - Porque eu sou muito diferente do que voce me julga. No fundo eu sou um romântico. E todas essas minhas teorias são puro mecanismo de defesa.

LOLÓ - Defesa de que?

PORFÍRIO - De meu próprio subconsciente.

LOLÓ - Próprio o que? Não entendi, não. (ligeira pausa). Que música é essa?

PORFÍRIO - (com ar de raposa). Uma música, né. Uma música como outra qualquer. O que é que ela te dá vontade de fazer?

LOLÓ - Sair marchando.

PORFÍRIO - (rápido e aliciante, ajeitando o sumier). Marchando em direção a que? (ligeira pausa).

LOLÓ - Não sei... Sair marchando. Sair marchando.

PORFÍRIO (ajeitando melhor o sumier). Então... Saia marchando.

(Loló vai marchando em direção à porta, abre a porta e sai de cena, sempre marchando).

PORFÍRIO - (seco e imperativo). Alto. (Loló pára). Meia volta volverí (ouve-se o barulho dos pés de Loló fazendo meia volta, fora de cena. Porfírio aciona o interruptor. A luz volta ao normal). Lolo, você quer fazer a gentileza de voltar aqui prá dentro?

LOLÓ - (entrando, um pouco intimidada). Que foi que eu fiz de errado?

PORFÍRIO - (contido). Nada, Loló. (desliga a vitrola). Vamos começar de novo, Loló, que é que voce acha da injustiça?

LOLÓ - É ruim, não é?

PORFÍRIO - É bárbaro. Agora me diga uma coisa. Voce acharia justo, se voce fosse andando pela rua e visse dois pobres, dar um conto de réis a um dos pobres e não dar nada ao outro?

LOLÓ - Não... não tava certo.

PORFÍRIO - Pois o que voce está fazendo com o Joãozinho e comigo é exatamente isso.

LOLÓ - Prá que é que você tá me dizendo isso?

PORFÍRIO - Prá ver se voce se revolta contra esse abominável estado de coisas e se anima a tomar uma providência.

LOLÓ - Providência prá que?

PORFÍRIO - Prá gente aproveitar melhor esse tempo que nós temos agora.

LOLÓ - Aproveitar como?

PORFÍRIO - Loló, eu vou te dar um outro exemplo, prá ver se voce se com-  
preende melhor. Voce algum dia já viu uma criança pálida e triste espi-  
ando um doce na vitrine de uma confeitaria?

LOLÓ - Já.

PORFÍRIO - É uma cena de levar lágrimas até aos olhos de um poveiro, não  
é?

LOLÓ - É triste prá xuxu.

PORFÍRIO - Muito bem. E qual é o impulso ético e humano de uma criatura  
de bom coração diante dessa cena? (Pausa. Loló continua com ar aparvalha-  
do). Que é que voce faria?

LOLÓ - Dava o doce à criança.

PORFÍRIO - Exatamente. Pois nessa novela que eu acabei de contar, a dis-  
tribuição de papéis é a seguinte. A criança pálida e triste sou eu. O do-  
ce é voce.

LOLÓ - Voce não tem cara pálida nem triste.

PORFÍRIO - Isso é o que voce pensa. Eu juro que vivo aqui numa melancolia  
profunda, tão solitário, amargurado e triste que, puxa, quando eu penso  
no meu caso, morro de pena de mim mesmo. (ligeira pausa).

LOLÓ - (mato em dúvida). Nada... Isso é conversa tua.

PORFÍRIO - Conversa? Mas eu não sou de conversa. Eu não prometi que fa-  
zia o Joãozinho casar com você?

LOLÓ - Prometeu.

PORFÍRIO - E agora ele não vai casar?

LOLÓ - Vai.

PORFÍRIO - Então como é que você pode dizer que eu sou de conversa?

LOLÓ - Mas você não ajudou nada pré esse casamento. Foi tudo um esforço  
meu.

PORFÍRIO - Mas eu influencei o Joãozinho. É a mim que você deve agradecer  
a possibilidade desse esforço. E agora voce quer me fazer osva ingрати-  
dão...

LOLÓ - Eu não sou ingrata.

PORFÍRIO - Pois prove isso. Depois de eu ter te arranjado um casamento,  
voce tem obrigação de tambem me fazer alguma gentileza. Na vida tudo é re-  
ciprocidade.

LOLÓ - Mas qual é a gentileza que voce quer que eu faça?

PORFÍRIO - Eu já não te disse que eu sou um amargurado?

LOLÓ - Já.

PORFÍRIO - E voce não acha que a gente deve dar momentos de alegria aos  
amargurados?

LOLÓ - Lá isso deve.

PORFÍRIO - E qual é o melhor momento de alegria que voce pode me dar? (li-  
geira pausa).

LOLÓ - Ah, não vem com perguntas assim de nepotão que eu me atrapalho toda

PORFÍRIO - (desanimado). Assim não é possível.

**Teatro de Arena**  
Av. Borges de Medeiros, 835  
Fone: 226.0242 - CEP 90020-025

mb

LOLÓ - (iluminada). Já sei. Dar um conto de réis a um pobre?

PORFÍRIO - (subindo em tom). Não, Loló.

LOLÓ - Te dar um doce de presente?

PORFÍRIO - (exasperado). Desde que esse doce seja voce, tá me entendendo? Desde que esse doce seja voce.

LOLÓ - (em tom seguro). Ah, então era isso que voce queria dizer com aquela história de aproveitar melhor o tempo?

PORFÍRIO - (ainda exasperado). Exatamente, Loló.

LOLÓ - (também nervosa). Então por que é que voce não disse logo?

PORFÍRIO - Está dito agora. (pausa).

LOLÓ - (baixo novamente). É... mas não pode ser.

PORFÍRIO - (controlado). Não pode por que?

LOLÓ - Por causa do Joãozinho.

PORFÍRIO - Joãozinho não tem nada a ver com esse meu momento de alegria.

LOLÓ - Tem sim.

PORFÍRIO - Por que?

LOLÓ - Porque tem. Joãozinho não ia gostar.

PORFÍRIO - Mas a gente não vai sair espalhando a coisa por aí. Ele não vai saber. E uma pessoa não pode não gostar de uma coisa que não chegou a saber. Voce, por exemplo, não pode ficar amuada por ter perdido um broche, se voce não chegar a reparar que perdeu esse broche.

LOLÓ - Eu perdi um broche? Quando?

PORFÍRIO - (de novo exasperado). Não Loló, isso foi uma comparação. Escuta. Prá gente chegar a alguma conclusão, voce tem que acompanhar meus raciocínios.

LOLÓ - (ofendida). Voce tá querendo me chamar de burra, é?

PORFÍRIO - Não, Loló. Como é que voce foi pensar uma barbaridade dessas?

LOLÓ - Não tá sim. Voce tá querendo me chamar de burra. Agora eu percebi muito bem. E eu admito tudo, menos isso. Vou-me embora.

PORFÍRIO - Loló, onde é que está o seu espírito de solidariedade humana? Voce não pode ir embora agora.

LOLÓ - (chorosa). Vou sim. Voce me magoou e eu vou-me embora lá prá baixo. (Encaminhando-se para a porta).

PORFÍRIO - Mas Loló...!

LOLÓ - (da porta). E só volto quando o Joãozinho voltar. (sai).

PORFÍRIO - (furioso, sozinho, andando de um lado para outro). O que é que há? O que é que há comigo?

(Nesse instante abre-se a porta e entra Joãozinho).

JOÃOZINHO - (patético da porta). Porfírio, sou um desgraçado.

PORFÍRIO - Desgraçado sou eu. Joãozinho, me diz com toda a sinceridade. Voce me acha repulsivo?

JOÃOZINHO - Voce é um encanto. Eu é que sou um desgraçado.

PORFÍRIO - O seu problema já está todo resolvido.

JOÃOZINHO - Não tá não.

PORFÍRIO - Prá seu raciocínio simplório, casando com a Loló, voce não tem mais dramas.

JOÃOZINHO - Tenho sim.

PORFÍRIO - Você já tá exagerando nessa história de querer ser um rapaz direito.

JOÃOZINHO - Ninguém me compreende.

PORFÍRIO - (olhando para a porta). O que eu compreendo é que há certas vítimas que não estão à altura da beleza de uma cantada psicológica.

JOÃOZINHO : Meu Caso não tem solução.

PORFÍRIO - Esta senhora é uma ameba. Uma ameba. E como é que a gente vai convencer uma ameba a dormir com a gente?

JOÃOZINHO - Sou um infeliz.

PORFÍRIO - Basta desse negócio de você ser um infeliz. Eu é acabei de de sonrar pela segunda vez a reputação desse apartamento.

JOÃOZINHO - Mas eu estou com um tremendo problema de consciência.

PORFÍRIO - Pois eu estou exatamente atrás de um problema de consciência igual ao teu.

JOÃOZINHO - Eu sabia que você não ia compreender...

PORFÍRIO - Mas já não está tudo dito e explicado?

JOÃOZINHO - Acontece, Porfírio, que quando Daisy foi buscar as roupas lá no meu apartamento, ela começou a chorar...

PORFÍRIO - (atônito). Continua.

JOÃOZINHO - E você sabe que eu não sei resistir a lágrimas de mulher. (pausa. A fisionomia de Porfírio se contrai. Ele se aproxima até ficar bem junto de Joãozinho).

PORFÍRIO - (como que cuspiendo no rosto do outro). Libertino!

JOÃOZINHO - Mas, Porfírio, você não imagina como eu estou sofrendo.

PORFÍRIO - Libertino, sim senhor! Enquanto eu fico aqui numa vida ascética de monge budista, você anda se esbaldando por aí. Davasso! Corrupto e corruptor!

JOÃOZINHO - Não Porfírio, eu sou um rapaz direito!

PORFÍRIO - Você não tinha lenço no seu apartamento?

JOÃOZINHO - Tinha, mas...

PORFÍRIO - Então por que é que você não deu um lenço a Daisy quando ela começou a chorar? Mas não! Você tinha que se demonstrar mais humano e solidário com o sofrimento dela, não é? Eu só espero que minhas irmãs nunca encontrem um rapaz tão humano e solidário quanto você. Descarado!

JOÃOZINHO - Mas Porfírio, você sempre achou isso uma coisa tão normal e salutar...!

PORFÍRIO - Quando era comigo. Você não espera que eu vá gastar a MINHA filosofia prá explicar o SEU sem-vergonhismo.

JOÃOZINHO - Mas eu quero remediar tudo.

PORFÍRIO - Como? Remediar tudo como? Eu só quero saber o que é que você pretende fazer agora diante dessa dupla responsabilidade, dessa dupla amargura, desse duplo drama de consciência.

JOÃOZINHO - Pois é. Isso é que eu não sei.

PORFÍRIO - Case com as duas. Com uma no Uruguai e com a outra na Argentina. Depois passe as segundas, quartas e sextas com a Daisy e as terças, quintas e sábados com a Loló. Mas os domingos deixe livre. Deixe livre prá

Teatro de Arena

Av. Borges de Medeiros, 835

Fone: 226.0242 - CEP 90020-025

assistir filmes românticos. E quando as mocinhas da platéia começarem a chorar, traga todas elas aqui pró seu apartamento.

JOÃOZINHO - Você está sendo injusto, Porfírio.

PORFÍRIO - (ainda furioso). Ou então nem entre no cinema. Vá só prá fila. Vá prá fila e comece a cortar uma cebola.

JOÃOZINHO - Você está sendo injusto e cruel. Eu estou num momento de intenso sofrimento moral e preciso justamente da ajuda de um amigo como você.

PORFÍRIO - Joãozinho, meta uma coisa na cabeça. A única coisa que eu ainda pretendo fazer por você na vida, é segurar a alça do teu caixão no cemitério. Mais nada.

JOÃOZINHO - Mas como é que eu vou contar o caso ao General?

PORFÍRIO - Usando tato e habilidade. Dê um tapinha nas costas dele e diga General, sua filha, bau... bau...! E quando ele disparar o revólver, abra bem a boca, prá ver se você engole depressa a bala, antes dela te estourar o crânio.

JOÃOZINHO - Isso não é hora prá brincadeira.

PORFÍRIO - Você não sabe como eu estou falando sério, meu caro Joãozinho. Como eu estou falando sério...

JOÃOZINHO - Você não compreende que se eu me casar com a Loló vou me sentir eternamente responsável pela perdição da Daisy, e se eu me casar com a Daisy, a Loló é que não me dará paz à consciência.

PORFÍRIO - Não case com nenhuma, então. E mande as duas chorar as mágoas aqui no meu apartamento.

JOÃOZINHO - Eu só queria uma coisa de você, Porfírio.

PORFÍRIO - Pode dizer que eu terei o máximo prazer em NÃO fazer.

JOÃOZINHO - Eu vou trazer a Daisy prá cá. E depois, se o General vier também, eu só queria que você saísse um pouquinho a Daisy, prá eu ter minha conversa a sós com o General. Só isso.

PORFÍRIO - Você tem certeza que o que você quer não é que eu saia com o General, prá você ter outra conversa a sós com a Daisy?

JOÃOZINHO - Porfírio, depois disso eu juro que não te incomodo nunca mais.

PORFÍRIO - (após certa hesitação). Vá lá. Mas, olha. Toma cuidado quando você der a notícia ao General. Ele pode também querer chorar...

JOÃOZINHO - Até já, Porfírio. (Sai).

(Porfírio fica sozinho em cena. Vai até a vitrola. Ouve-se a marchinha "a vida de casado é boa... mas a vida de solteiro é melhor". Porfírio dá um suspiro de satisfação e vai ao sumier, onde se deita para repousar. Nesse instante abre-se a porta suavemente e entra o General e Loló sorridentes e cabisbaixos. Entram, fecham a porta e ficam postados de pé na entrada com o ar mais culpado do mundo.)

PORFÍRIO- ( do sumir, virando a cabeça). Ah, vocês estão aí?. ( O general e Loló, nada respondem, Porfírio levanta-se, vai até a vitrola e desliga-a).

PORFÍRIO- ( na vitrola). Vocês se encontraram lá em baixo? ( o General e Loló, continuam em silêncio e de cabeça baixa).

PORFÍRIO- ( guardando o disco). Se estava aqui ouvindo essa musiquinha p'ra repousar um pouco e... ( Porfírio para de estálo a frase e o que está fazendo. Está com uma expressão de quem de repente entendeu tudo. Vira-se lentamente e vai se encaminhando para o General e Loló).

PORFÍRIO- ( A principio em tom baixo e em seguida subindo em volume a dramaticidade). Não. Não! Não!!!

( General e Loló continuam de cabeça baixa e em silêncio)

PORFÍRIO- Vocês não vão me dizer que voces dois... ( General faz que sim com a cabeça).

PORFÍRIO- ~~XXXXXXXXXXXXXXXXXXXX~~ O que me impressiona é a rapidez com que vocês agem.

GENERAL- Você sabe, Porfírio...

PORFÍRIO- ( furioso). Não precisam dizer nada. Já sei. Já sei de tudo. Lólo chegou lá em baixo chorando, não foi?

GENERAL- Pois é. E agora é que eu compreendi como o Joãozinho é um rapaz de bons sentimentos.

PORFÍRIO- Bons sentimentos? Então eu sou um São Francisco!

GENERAL- A gente não pode resistir, Porfírio. É uma coisa de partir o coração, quando ela começa a chorar.

PORFÍRIO- Vocês precisavam ser menos emotivos, sabe?

GENERAL- É uma coisa que você não pode compreender, Porfírio, porque você é um...

PORFÍRIO- ( cortando, furioso). Porque eu sou o quê? Diga se tem coragem. Porque eu sou o quê?

GENERAL- ( intimidado). Porque você... bem, não tem uma sensibilidade assim tão nobre e apurada quanto a nossa.

PORFÍRIO - ( furioso). Eu sou um puro. Uma ~~mix~~ criança. Uma criança perdi da numa noite de tempestade. Tudo o que me sobra em teoria, vocês estão aí firmes, pondo em prática.

GENERAL- A questão, Porfírio, é que eu estou agora com um problema.

PORFÍRIO- Pois estimo que o sr. continue com ele.

GENERAL- Não sei como contar o caso ao Joãozinho. Você sabe... Isso é um assunto delicado. Afinal de contas, Loló é noiva dele.

PORFÍRIO- Mas o sr. pretende contar o caso ao Joãozinho?

GENERAL- É Claro. Lembre-se que eu sou um homem honrado.

PORFÍRIO - ( irônico). Ah, perdão. Eu tinha me esquecido.

GENERAL- E aí é que eu precisava de um grande favor teu, Porfírio.

PORFÍRIO- ( apreensivo). Qual?

GENERAL - É que quando eu fosse contar o caso ao Joãozinho, voce saísse um pouco com a Loló. Você compreende... Prá eu e ele termos nossa conversa a sôz.

PORFÍRIO - Tá O.K. Eu agora topo tudo.

(Nesse momento abre-se a porta e entram  
Joãozinho e Daisy).

JOÃOZINHO - (meio sem jeito). Ah, General, o sr. está aí?

GENERAL - (ultra-amável). Estava justamente te esperando, meu rapaz.

JOÃOZINHO - (solícito). Ora, General, mas o sr. não devia se incomodar...

GENERAL - É sempre um prazer falar com voce, meu rapaz.

DAISY - Puxa, papai, voce tá um bocado gentil, heh?

GENERAL - Joãozinho merece, minha filha. Joãozinho merece.

PORFÍRIO - Bem, eu vou dar uma volta por aí. (intencional). Daisy e Loló,  
voce não queram vir comigo? (saem).

GENERAL - Vai, Loló. Vai passear com o Porfírio.

JOÃOZINHO - Acho melhor voce também ir. (Saem Daisy e Loló).

(O General e Joãozinho ficam parados um  
diante do outro. Sorriem constrangidos).

GENERAL e JOÃOZINHO - (juntos). Sente-se, General. Sente-se, Joãozinho.  
(Sorriem novamente e sentam). (Pausa).

JOÃOZINHO - O sr. está bem acomodado, General?

GENERAL - Muito bem. Muito bem. Voce é que parece que está numa posição  
um pouco incômoda. (Pega uma almofada que estava em uma poltrona).

JOÃOZINHO - Não, senhor, está ótimo.

GENERAL - Ponha essa almofada nas costas, meu rapaz. (Levanta-se para co-  
locar a almofada nas costas de Joãozinho).

JOÃOZINHO - Ora, General, não se incomode...

GENERAL - Não, mas eu insisto.

JOÃOZINHO - Obrigado, então, General. (General senta novamente. Pausa).

GENERAL e JOÃOZINHO - (juntos). General... Joãozinho...

(Quando veem que falam juntos, param novamente)

JOÃOZINHO - Pode falar, General.

GENERAL - Não, fale primeiro.

JOÃOZINHO - Dessa vez sou eu que insisto, General. O sr. é mais velho.  
(O General ajeita-se na cadeira).

GENERAL - Joãozinho, voce sabe que eu sou um homem vivido.

JOÃOZINHO - Claro, General.

GENERAL - É uma coisa eu aprendi na vida.

JOÃOZINHO - (ultra solícito). Claro, General.

GENERAL - Foi a compreender certos deslizes que as criaturas as vezes co-  
metem.

JOÃOZINHO - Puxa, General, o sr. não imagina como eu fico satisfeito de  
senhor dizer uma coisa dessas.

GENERAL - Eu é que fico satisfeito de ver a sua compreensão.

(Nesse instante abre-se a porta e entra  
Porfírio.)

PORFÍRIO - (entrando). Joãozinho, voce quer vir até cá? (Leva Joãozinho  
para um canto e cochicha qualquer coisa no ouvido dele. Joãozinho franze  
a testa e cochicha também. Porfírio cochicha novamente para Joãozinho e

